



CRÔNICAS *litero-* GEOGRÁFICAS

Ricardo Assis Gonçalves



editora
UEG

**EDITORA UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS**

Presidente

Antonio Cruvinel Borges Neto (Reitor)

Vice-Presidente

Claudio Roberto Stacheira (Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação)

Coordenadora Geral

Elisabete Tomomi Kowata

Assessor

Patrick Di Almeida Vieira Zechin

Revisão Técnica

Andressa de Oliveira Sussai

Revisão Ortográfica e Gramatical

Paulo Maretti (Apoena Editorial)

Capa, Projeto Gráfico e Editoração

Adriana da Costa Almeida (Apoena Editorial)

Foto da Capa

Ricardo Assis Gonçalves

Conselho Editorial

Adolfo José de Souza Andre (UEG-IAEL)

Daniel Blamires (UEG-IACSB)

Juliano Rodrigues da Silva (UEG-IACT)

Maisa Borges Costa (UEG-IACT)

Raphaela Christina Costa Gomes (UEG-IACAS)

Renata Carvalho dos Santos (UEG-IACSB)

Roseli Vieira Pires (UEG-IACSA)

Sebastião Avelino Neto (UEG-IACAS)

Sônia Bessa da Costa Nicácio Silva (UEG-IAEL)

Thiago Henrique Costa Silva (UEG-IACSA)

CRÔNICAS *litero-* GEOGRÁFICAS

Ricardo Assis Gonçalves



ANÁPOLIS-GO | 2024

À avó Luzia





A literatura contribui com o modo como as pessoas interpretam, integram e participam dos acontecimentos da vida enredados no mundo. No texto literário, seja um poema, crônica, conto ou romance, arvoram elementos universais do ser humano, como a alegria, o medo, a exploração dos trabalhadores, o sofrimento, o amor, a emoção e os sonhos. Por isso, quando os geógrafos se aproximam da literatura, o fazem com o propósito de aprofundamento da interpretação do espaço. Disso resulta o que chamamos interpretações lítero-geográficas, uma abordagem que entrecruza ou aproxima a ciência geográfica e a arte literária.

Desse modo, as crônicas que compõem este livro fazem a defesa de que o saber geográfico e a relação da Geografia com a arte radicalizam o uso da linguagem para comunicar personagens, paisagens, trajetórias e experiências do autor. Experiência e imaginação se entrecruzam e são joradas na narrativa destas crônicas trabalhadas com profunda liberdade. Elas foram escritas a partir do trabalho meticuloso com as palavras na composição de frases e parágrafos que vasculham amiúde o espaço e a existência atravessados pela densa realidade que pulsa nos arrabaldes do Brasil profundo.

Neste livro, desfilam personagens da infância do autor no Sertão mineiro; o contato com homens e mulheres lançados às ruas das metrópoles através do trabalho por meio de plataformas digitais e aplicativos de serviços; as viagens a Cuba; o contexto dramático da pandemia da Covid-19 no Brasil e da tragédia de um governo (2019-2022) conivente com a morte de milhares de trabalhadores; o trabalho na universidade e os desafios da formação para a leitura e a escrita em um país no qual essas habilidades são precárias e distantes de milhões de brasileiros.

Finalmente, o autor aproveita este espaço para agradecer o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Tocantins (FAPT); do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo), da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus Porto Nacional; do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), campus Cora Coralina; da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PrP/UEG) através do Pró-Programas; da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); dos Grupos de Pesquisa e Extensão Espaço, Sujeito e Existência (Dona Alzira) e Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS); e do MultiVisat – Multiplicadores de Vigilância em Saúde do Trabalhador, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz-RJ).

© 2024 – Editora UEG

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Catálogo na Fonte
Universidade Estadual de Goiás (UEG)
Sistema Integrado de Bibliotecas Regionais (SIBRE)

G635m Gonçalves, Ricardo Assis.

Crônicas lítero-geográficas [recurso eletrônico] / Ricardo Assis Gonçalves. – Anápolis, GO : Editora UEG, 2024.
135 p. ; 13,5 x 21 cm.

ISBN 978-65-88502-50-1 (E-book)

ISBN 978-65-88502-53-2 (Impresso)

1. Literatura brasileira 2. Crônicas brasileiras I. Gonçalves, Ricardo Assis. II. Título.

CDU: 821.134.3(81)-94

Elaborado por Sandra Alves Barbosa – Bibliotecária – CRB 1 / 2659

Esta obra é em formato de e-Book e impresso e foi produzida com recursos do "Projeto FAPT Desenvolvimento socioambiental no Tocantins: formação de recursos humanos, sustentabilidade e inovação – Termo de outorga e Concessão de Bolsa nº 05/2021". A exatidão das referências, a revisão gramatical e as ideias expressas e/ou defendidas nos textos são de inteira responsabilidade dos autores e das autoras.

EDITORA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
BR-153 – Quadra Área – CEP: 75.132-903 Fone: (62) 3328-4866 – Anápolis -GO
www.editora.ueg.br / e-mail: editora@ueg.br

SUMÁRIO

- 9 Prefácio
- 13 Apresentação
O geógrafo e o chão fértil das vivências
- 19 Literogeografia, mais que uma palavra
- 28 Vamos de Uber?
- 36 Una lluvia en Sierra Maestra
- 41 Relojero fora do tempo
- 48 País de livros ignorados
- 56 Livros abandonados
- 63 O leitor e o tropel da vida
- 69 Quando o coração lê
- 77 A descoberta das bibliotecas
- 85 Os mortos do Brasil
- 91 A Vila dos Confins e a pandemia
- 97 Ana Grande
- 101 O quintal de Rosa
- 108 José e os livros de Geografia
- 115 Vendas de Minas
- 123 Guelim

PREFÁCIO

Este livro de Ricardo Assis Gonçalves, originário da sensibilidade de seu intelecto e da lavra de suas mãos, nos põe em contato direto com experiências retratadas nas filigranas do cotidiano. Seus textos reconstituem situações, cenários, lugares, paisagens, itinerários e relatos de espaços de sujeitos sociais e do próprio autor, desde o tempo presente, fugidio do cotidiano, até as recordações do passado vivido na tenra infância.

Os textos aqui reunidos revelam o ser humano multidimensional que é Ricardo Assis Gonçalves: o militante e ativista na defesa dos trabalhadores contra a alienação e exploração do trabalho e

Ricardo Assis Gonçalves

da natureza; o educador, professor, pesquisador e intelectual engajado na educação, na ciência e na literatura, que conclama a política, a estética e a pesquisa a andarem juntas por caminhos que conduzem à transformação social. É também o operário da palavra, o cidadão, o sertanejo que não esquece seu lugar de origem.

Essa multidimensionalidade recobre um campo vasto de temas e valores sociais, morais e éticos entrelaçados e encarnados nas experiências humanas: o sentido político da solidariedade, o relógio como símbolo do tempo e do trabalho alienados, a importância dos livros e da teoria na formação humana para compreender e atuar no mundo e na sociedade brasileira. A indiferença política de governantes diante das mortes por Covid-19, reduzidas à racionalidade instrumental das estatísticas, o sofrimento e o adoecimento dos trabalhadores do transporte por aplicativo, os empreendedores de si mesmos, a vida e a força de mulheres sertanejas, camponesas de territórios do cuidado e da sabedoria compõem o núcleo central das percepções e preocupações que Ricardo Assis Gonçalves narra e descreve.

Nesse núcleo central, há também, como não poderia deixar de ser, os textos que reconstituem histórias de vida de sujeitos sociais, mulheres e homens, toponímias e lugares das geografias vernaculares extintas ou presentes no sertão profundo das Minas Gerais e do Brasil. Ricardo Assis Gonçalves nos mostra que sua singularidade está na intersecção do particular e do universal da humanidade de seu tempo.

Este livro é um convite para olharmos o cotidiano como crônicas dos detalhes da existência humana. Mas é também uma provocação para não incorreremos na indiferença e na cegueira, como nos provocou Saramago. A generosidade intelectual de Ricardo Assis Gonçalves nos ensina que lutar é preciso, sem perder a ternura jamais.

Ana Cristina da Silva

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Apresentação



O GEÓGRAFO E O CHÃO FÉRTIL DAS VIVÊNCIAS

Neste oportuno livro, o qual me coube a honra de apresentar, Ricardo Assis Gonçalves nos mostra a literogeografia que ele diz ser mais que uma palavra. E por que ele insiste em dizer que é mais que uma palavra? Porque Ricardo é um geógrafo vestido em um casaco literário e sabe desconfiar das palavras, das suas precisões e imprecisões. Sabe, numa suspeita pessoaana, que navegar é preciso, mas viver não é preciso e a ciência, que navega em busca da precisão, muitas vezes relega ao esquecimento, como dejetos, a imprecisão, a própria vida. Enredado pelos fios que os melhores mestres da literatura tramam sobre a paisagem, ele lê, como geógrafo e

como educador, mais que o tecido duro, em preto e branco, normalmente oferecido pela fria técnica científica. Ele deambula como testemunha das gentes no exercício da existência e encontra nessas trocas diárias aquilo que é ignorado: o sujeito fatiando o tempo, aos poucos, com sua singularidade histórica, com seu desejo, como o tio relojoeiro, à revelia dos ponteiros dos relógios, alimentando, em outra dimensão temporal, a vida no espaço, terreno por excelência do geógrafo, solo da matéria humana.

A literogeografia, me parece, é uma resposta consciente daqueles que sabem do poder medusino que as palavras têm quando tomadas de obsessão pela precisão, pela ordem. Segundo Adorno e Horkheimer, é esse poder que transforma perigosamente a ciência em mito. Então, a Geografia vai à literatura, reino da palavra livre, como diz Drummond, da “pá-lavra”, para desdomesticar a visão. Essa “pá-lavra” é aquela que escava, revira o solo dos sentidos tornando-o fértil; é a ferramenta que revolve o óbvio cristalizado como escudo contra a pluralidade e a mudança; é viés de trabalho sobre a matéria humana, é instrumento de cultivo, de plantio e de germinação de novos horizontes, da

palavra que não tem medo do porvir, que flui sem medo de não saber para saber melhor.

A sequência de textos urdidos pelo autor confirma sua ideia principal sobre o que é o fazer litero-geográfico: é “interpretar o sujeito e suas densas experiências enredadas no espaço”. Por isso, texto após texto, Gonçalves ora denuncia a precária condição humana perpetrada pela lógica do sistema, visivelmente exposta pela uberização da força de trabalho, ora vai esmiuçando costumes, gestos, fazeres e afazeres humanos apagados pelo tempo do relógio e do capital, mas que resistem no tempo real da existência. O forçoso apagamento produz um desencontro catastrófico entre a densa realidade e os sujeitos presos na espessura mínima e unidirecional da ordem capitalista. Essa unidirecionalidade cujo fim é a produção e o consumo desenfreados, seguidos do acúmulo de fortunas em poucas mãos, tem como suporte o impedimento do sujeito ao gozo do tempo como matéria que produz memória e identidade, que amplia o espaço. O resultado desse *modus operandi* é a pobreza de tudo: de espaço, de tempo, de cultura, de educação, de cidadania, de liberdade...

Ricardo Assis Gonçalves

Alcançar o lugar de sujeito consciente de sua posição no espaço, como fruir do tempo, só é possível, em sua plenitude, pela experimentação minuciosa das vivências. Experimentar a vida intensamente exige tempo disponível para alargar o espaço, para reconhecer as paisagens onde o viver se desenrola. Perceber esse acontecer é estar no tempo. Tempo e espaço não são nada sem os sujeitos que interagem e se movem criando essas duas dimensões no simbólico de suas existências. Reduzir os sujeitos à clausura dos interesses do sistema é reduzir o tempo fazendo definhar o espaço. A melhor forma de domínio do humano é condenar sua experiência de tempo e de espaço à mera ordem da produção. Por outro lado, a forma mais subversiva de libertá-lo é romper a mão única do capital e fazer fluir o tempo para que o sujeito com ele possa tatear a realidade e descobrir o mundo de onde nunca saiu, mas que lhe foi negado pela ausência de codificação da experiência alargada das vivências diárias.

A literogeografia enriquece o olhar e redimensiona o fazer geográfico. Isso está patente nas crônicas lítero-geográficas deste livro, que exaltam a necessidade urgente de revalorização do livro, da

leitura, em permanente aliança com as vivências.
Vale a pena ler.

Alan Oliveira Machado
Universidade Estadual de Goiás (UEG)



LITEROGEOGRAFIA, MAIS QUE UMA PALAVRA

L iterogeografia é mais que uma palavra. É um modo de, através da pesquisa geográfica, interpretar o sujeito e suas densas experiências enredadas no espaço. Um de seus pressupostos centrais fundamenta-se na constatação de que não há experiência humana exilada do espaço. Para apreendê-la – a densa experiência humana –, defende-se o enlace entre Geografia e Literatura. Com efeito, resulta desse encontro o que denominamos interpretações lítero-geográficas.

Literogeografia é mais que uma palavra, pois tem um fundamento histórico e político. A queda do muro de Berlim em 1989 e a dissolução da

União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1991, abalaram a economia e a política globais. Mas, além da escala geopolítica, os saberes e as formas de compreender o mundo foram impactados na última década do século XX. As ciências sociais e humanas se fortaleceram com novas referências para ler e interpretar a natureza e a sociedade, a cultura e o espaço. A ciência moderna determinista passou a ser criticada diante de um mundo complexo revelado por novas referências como a da física quântica; ou da reflexão de autores como Edgar Morin e Illya Prigogine, com a epistemologia da complexidade.

A arte, proscrita pela ciência moderna e a prática científica mecanicista, passou a povoar a imaginação de pesquisadores no campo das ciências humanas e sociais. A experiência dos sujeitos na interação com o espaço é provida de paixões, sensibilidades, símbolos, medos, sonhos, traumas e memórias. A arte, especialmente a literatura, nutre-se desse largo campo simbólico. Por isso, interditá-la na ciência arrefece a compreensão da intrincada existência de homens e mulheres na relação com o mundo.

Pode-se afirmar que as interpretações lítero-geográficas ganharam, a partir dos anos 1990, um

forte pendor de adesões de geógrafos no Brasil. Eles enxergaram na relação entre Geografia e Literatura uma maneira de enfrentar as tradições científicas ortodoxas, redutoras e mecanicistas. Por consequência, isso promoveu o surgimento do que Amorim Filho (2006) denominou “novas sensibilidades geográficas”. Para caracterizá-las passou-se a utilizar variadas expressões como diálogos possíveis; interlocução ou aproximação entre Geografia e Literatura; Geoliteratura; Geoliterarte e Geopoética. As distintas terminologias para caracterizar a junção entre Geografia e Literatura sintetizam diferentes concepções, métodos e metodologias.

Chama-se interpretação lítero-geográfica a abordagem que entrecruza a ciência geográfica e a arte literária. Assim, literogeografia é mais que uma palavra, pois revela o diálogo integrado e colaborativo de redes e grupos de pesquisas. Essa abordagem é uma construção coletiva, na qual se encontram a rede Geografia, Literatura e Arte (Geoliterart); o grupo de pesquisa e extensão Espaço, Sujeito e Existência (Dona Alzira); a Rede de Pesquisa Geografia, Turismo e Literatura (Entremeio); e a Rede

Internacional de Estudos Críticos de Turismo, Território e Autodeterminação (Reescrita).

Por essa razão, foi possível criar revistas, produzir livros e dossiês, organizar eventos, grupos de trabalho e, especialmente, colocar em lume a contribuição da leitura de literatura para se adensar a leitura geográfica do espaço. Pressupostos que envolvem métodos, abordagens e possibilidades de pesquisas foram construídos e embasam a ação litero-geográfica. Nesse sentido, a literogeografia é mais que uma palavra, visto que se baseia em algumas premissas:

a) *Literogeografia não é crítica literária*. Considera-se a importância da crítica literária e da compreensão de elementos que envolvem narrativa, narrador, personagem, estilo, tempo, espaço, imagem, gêneros etc. Autores desse campo como Alfredo Bosi, Carlos Nelson Coutinho, Antonio Candido, Heloísa Buarque de Hollanda, Roberto Schwarz e Cristovão Tezza contribuem com a formação dos geógrafos que praticam a literogeografia.

Mas, diferentemente da crítica literária, fazer literogeografia consiste em adensar a leitura do território ou do espaço, aprofundar a interpretação geográfica sobre determinada realidade ou sobre a

experiência humana. As narrativas literárias tateiam as coisas miúdas do cotidiano ao mesmo tempo que dizem a universalidade dos dramas humanos. Elas estabelecem como alvissareira a análise das formas de viver, sentir, habitar e representar o território. À vista disso, constata-se que as narrativas literárias são indissociáveis do acontecer prosaico da vida.

b) *Literogeografia não é ornamento da ciência.* Com base em Coutinho (2011), somos críticos da concepção de que a interpretação lítero-geográfica é um mero adorno da ciência. Aversa à concepção adornante da ciência e da cultura, a baliza da reflexão lítero-geográfica defende a literatura como uma forma de adentramento no mundo; ou de adentramento no espaço (Chaveiro, 2015). Citar um romance, uma crônica, uma letra de música ou um poema em um texto científico não quer dizer maquiagem embelezadora da escrita. Esse erro explicita desconhecimento das possibilidades da literatura na interpretação do espaço, das paisagens, dos lugares e das regiões. Aziz Ab'Saber (2007), por exemplo, afirmou em *O que é ser geógrafo*: “Eu via a Geografia através dos romances. Descobri-me no estudo da literatura regional brasileira”. Ab'Saber

CRÔNICAS *littero*-GEOGRÁFICAS

reconheceu na literatura uma fonte primordial de descoberta do país.

c) *Praticar literogeografia não é “ser poeta”*. Há uma atitude equivocada de se considerar “poetas” os geógrafos que leem literatura e se utilizam da interpretação lítero-geográfica em seus textos. Observa-se que isso ocorre por equívoco e limite em reconhecer que a literatura é uma das formas mais completas de narrar a experiência humana no espaço. Pode ser também preconceito. É uma demonstração de que julgam a arte, ou especialmente o gênero poema, como devaneios inúteis para quem faz ciência. Ademais, traduz uma postura autoritária de se considerar a ciência superior à arte. Sendo assim, praticar literogeografia não é “ser poeta”, mas quem o faz sabe que o poeta inspira o geógrafo a observar todos os eventos da vida e as sutilezas humanas infinitas. Compreende também que a poesia é uma das formas de resistirmos à opressão (Bosi, 2003).

d) *A interpretação lítero-geográfica não exclui a crítica*. A literatura intensifica sentidos, fomenta a criatividade e a atenção-tensão do olhar para que a ciência geográfica acesse a complexidade da dimensão profunda do humano espacialmente constituída.

Isso não exclui a crítica. A narrativa literária é capaz de vasculhar a realidade socioespacial, dizer como os sujeitos vivem, trabalham, moram, lutam, adoecem e morrem. Ela minucia tragédias, estruturas de exploração, sofrimentos, injustiças, resistências, conflitos, contradições e dramas humanos. A interpretação lítero-geográfica envolve e aprimora a crítica, livrando-a dos jargões abstratos e do denunciismo apaixonado. Por conseguinte, a pesquisa geográfica apreende na literatura que a existência humana suplanta a esfera econômica e é atravessada pelas relações de poder, traumas e desejos.

e) *Literogeografia não se limita à Geografia Cultural*. Dizer que a interlocução entre Geografia e Literatura só é possível a partir do método fenomenológico e da Geografia Cultural é uma postura redutora e ingênua. Esse é um erro comum e geralmente reproduzido entre desavisados. Por isso, defende-se que a literogeografia ou interpretação lítero-geográfica é aberta a todos os métodos. A escolha do método tem relação com a opção política, a formação filosófica e a organização do pensamento ou da consciência do pesquisador. Por isso, limitar a literogeografia a um método é o mesmo

CRÔNICAS *litero*-GEOGRÁFICAS

que cerceá-la diante de suas imensas possibilidades interpretativas.

Dessa maneira, com o apoio da literatura, o geógrafo suplanta os limites do raciocínio espacial, restringido pela quantificação, para explorar as complexas manifestações das relações sociais grafadas no território. A literatura irradia a leitura geográfica da realidade e ilumina lacunas inexploradas pela ciência geográfica. Por isso, a literogeografia é aberta aos distintos métodos. Esses pontos suscitam uma pergunta: se a literogeografia é mais que uma palavra, quais são os limites da pesquisa geográfica que ela ajuda a enfrentar?

f) *O enlace entre Geografia, Literatura e a realização da linguagem.* Como demonstra Drummond, no poema *O lutador*, “Lutamos com palavras mal rompe a manhã”. Considera-se que “lutar com palavras” é também o ofício do geógrafo. Desse modo, uma das contribuições da literogeografia é evidenciar a importância da linguagem para o fazer e o pensar geográficos. Por isso, ela colabora para enfrentarmos o empobrecimento da linguagem comum à pesquisa científica. À medida que isso é colocado como questão do trabalho intelectual do geógrafo, evita-se cair

nos *slogans*, clichês, vícios, lugares comuns e dificuldade de comunicação. A consciência da importância da linguagem aprimora a investigação geográfica. Cabe aos geógrafos cuidar do modo como comunicam suas pesquisas e saberes. No decorrer deste texto, por exemplo, para anunciar a tese central – *a literogeografia é mais que uma palavra* – faz-se o uso deliberado da estratégia persuasiva da repetição.

g) *A dimensão lexical da escrita*. Isso explicita que a literogeografia reconhece a importância da dimensão lexical da escrita. Para Biderman (2001, p. 14), “o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história”. Nesse sentido, a leitura e a escrita entre os geógrafos requisitam atenção com o léxico. Isso ameniza o problema do limite da realização estética e lexical nos textos dos geógrafos. No plano prático, contribui com a escrita, a leitura e a comunicação geográficas. Elementos centrais como legibilidade, coesão, imagem e adequação verbal estão em sintonia com a dimensão lexical e nos eximem da repetição e “indigência de significados” (Betto, 2017) naquilo que escrevemos. Finalmente, a literogeografia faz do geógrafo

também um profissional que “ama os dicionários”. O amor pelos dicionários é uma metáfora que traduz a curiosidade pela descoberta das palavras que compõem a língua portuguesa e sua potência comunicativa.

h) *A dicção geográfica*. Conforme demonstrado por Chaveiro (2015), a relação entre Geografia e Literatura, ao alargar o modo geográfico de dizer, amplia também o modo de ver. “A aproximação com a literatura pode clarear ao geógrafo o problema e o desafio do dizer, pois a literatura, por meio da ficcionalidade, permite intensificar o olho nas situações humanas, nas sutilezas, nos embaraços, nos sutis movimentos” (Chaveiro, 2015, p. 42).

Por fim, demonstramos que a literogeografia, mais que uma palavra, é um modo de ampliar a maneira de ver e interpretar o mundo de paisagens, lugares e territórios construídos pela experiência humana material e simbólica. É um convite para que os geógrafos viajem ao mar de narrativas da literatura e descubram que nele a palavra *literogeografia* é também uma metáfora combatente. Sua luta é viva e corajosa contra a ciência geográfica desnuda de sensibilidade, crítica e engajamento.

Julho, 2023



VAMOS DE UBER?

Os estudiosos do trabalho e também da organização das empresas do capitalismo de plataforma, assim como as pesquisas que miram a morfologia do trabalho global e a remontagem do mundo fabril incluem a Uber Technologies Inc., a empresa – ou o Uber, o aplicativo – como emblemas do capitalismo contemporâneo. Todavia, poucos abordam as histórias que se constituem ou que ouvimos nas viagens de Uber.

Aliás, o trabalhador de aplicativo, desamparado e afligido pela desregulação dos direitos trabalhistas, competindo consigo mesmo, estabelecendo e se submetendo às metas da grande empresa plataforma,

CRÔNICAS *litero*-GEOGRÁFICAS

são exuberantes fontes de histórias. Vou contar aqui algumas delas.

Dia desses, trasladava de Uber a região metropolitana de Goiânia, de um extremo a outro. O carro era conduzido por um trabalhador jovem e disposto a relatar seu cotidiano de motorista. Disse que começou trabalhando seis horas por dia com o intuito de pagar dívidas e experimentar se gostaria desse tipo de trabalho. Portanto, essa era uma meta inicial de jornada para alguém que acreditava na liberdade e na autonomia proporcionadas pela Uber. Mas, de repente, encurtou o almoço e passou a trabalhar oito horas; em seguida, postergou a janta e passou a trabalhar dez horas. Não contente, prolongou a noite acordado e começou a trabalhar doze horas. Quando ainda era possível, no extremo, chegou a trabalhar dirigindo seu carro por dezesseis horas. Olhando para si mesmo, disse: “Estou com medo, estou viciado; eu não consigo parar, já não sei o que acontece comigo, preciso estar dirigindo a todo o tempo. Comecei a tomar uns remedinhos para tentar controlar esta ansiedade e manter os olhos arregalados neste zigue-zague de ruas”.

A interrogação desse trabalhador pode ser respondida pelo filósofo Byung-Chul Han, quando diz: “O sujeito de desempenho, esgotado, depressivo está, de certo modo, desgastado consigo mesmo. Totalmente incapaz de sair de si, estar lá fora, de confiar no outro, no mundo, fica se remoendo, o que paradoxalmente acaba levando à autoerosão e ao esvaziamento” (2017, p. 91).

Conheci outro trabalhador que, além de reclamar do preço elevado dos combustíveis, lamentava as altas porcentagens da Uber e da empresa de aluguel do carro que usava. Na ponta dos dedos, quando contabilizava todos os gastos, descobriu que, às vezes, sobravam apenas 20% do que ganhava no dia. Desacorçoado com o trabalho, mas resignado como sendo a última instância do que tem no momento para ganhar algum dinheiro até arrumar outro emprego, pensou em se mudar do país; chegou a planejar emigrar para os Estados Unidos, atravessando a fronteira ao norte do México de modo ilegal. Estava se organizando para isso, mas veio a pandemia. A Covid-19 o assentou no veículo novamente, colocou-o cansativo, amedrontado e desassossegado com as mãos no volante. Ademais, agora teme que

as coisas piores, que o valor dos combustíveis suba ainda mais; teme não poder mais emigrar; teme sofrer algum acidente nas ruas congestionadas de carros; teme ser assaltado; teme não ter dinheiro para pagar o aluguel e as contas de energia e água; teme faltarem alimentos na casa. Ao fim, chegou a dizer que havia dias em que não ganha cinquenta reais e, por isso, seu dia de trabalho estava valendo menos do que um quilo de carne. A Uber tornou-se o último território possível da sua existência. Mas o que fazer?

Outro dia, deslocando-me de Uber para uma reunião de trabalho e conversando com o motorista, ouvi sua história. Era um jovem negro da região Nordeste de Goiás que estava em Goiânia fazia pouco mais de um mês. Viera acompanhar a mãe em tratamento de câncer no Hospital Araújo Jorge. Era uma pessoa pobre, não tinha como acompanhar a mãe e ficar desempregado. Contudo, não arrumaria emprego conciliado com as condições a que estava exposto. Pensou, então, que trabalhando na Uber poderia flexibilizar o tempo e acompanhar a mãe nas sessões de quimioterapia. Acreditou que o trabalho na Uber era pertinente diante dessa situação; disse

que ganhava pouco e era instável, mas seu tempo também era volúvel naquele momento. Embora diante dos míseros ganhos, achava que quando a mãe se curasse poderia trabalhar mais e, conseqüentemente, aumentar o rendimento. Ganharia o suficiente para migrar definitivamente para Goiânia e convidaria os parentes a também mudarem. As suas rotas nas ruas da cidade sintetizavam as rotas da migração de trabalhadores do Nordeste Goiano para a capital do estado.

Em uma das viagens conheci outro motorista que já trabalhava havia quase três anos na Uber. No início da Pandemia da Covid-19 ficou com medo de se expor às ruas como motorista, mas retornou ao trabalho de motorista de aplicativo e ganhou uma companheira de todos os dias, a Suzy. Posicionada no acento de passageiros, ao seu lado, Suzy atravessava as horas e os dias sem dizer palavra, pois era um unicórnio de pelúcia rosa de aproximadamente um metro de altura. Segundo o motorista, começou a carregá-la à frente com um propósito prático, evitar o transporte de mais de três passageiros: ela ocupava todo o assento dianteiro. Todavia, aos poucos foi se acostumando com a presença dela no carro e

sentiu-se próximo. Nos momentos a sós, disse narrar suas saudades, medos, alegrias e cansaços. A despeito do silêncio de Suzy, afirmou que o gesto de conversar em voz alta com essa personagem e companheira cotidiana acalentava sua alma ansiosa e amedrontada. Às vezes, afirmou, acreditava que a presença dela o ajudava a não enlouquecer ante os dias aturdidos de trabalho na Uber.

Finalmente, ainda em uma viagem de Uber que realizei em Goiânia, fui surpreendido ao perceber que a motorista estava chorando. Não disse palavra ao constatar seu choro, contudo, ela mesma, um pouco constrangida, dispôs-se a conversar comigo. Contou que estava atravessando um momento difícil em casa, acabara de acontecer outra briga com o marido e ele voltou a ameaçá-la. Estava vivendo à sombra de ameaças, mas sua tristeza decorria do fato de os filhos, entre eles um com autismo, presenciarem as situações de violência no lar, um apartamento de cinquenta e cinco metros quadrados. Também disse ter medo de abandonar o casamento, pois não detinha nenhum outro familiar a não ser o marido e os filhos. Cresceu em um orfanato e acreditava guardar silenciosa muitos traumas da infância. Há dias

Ricardo Assis Gonçalves

propunha enfrentar a tristeza nas ruas de Goiânia, entre um bairro e outro, transportando passageiros na Uber até atingir doze horas de trabalho.

As histórias das trabalhadoras e dos trabalhadores da Uber revelam distintas escalas dessa modalidade de trabalho. Inicialmente, destaca-se a escala do corpo, que se revela através do sacrifício da saúde diante do excesso de carga horária, produzindo dores, situações de cansaço, fome, sede e apuros nas necessidades fisiológicas. Há a escala relativa à condição de motorista: a posição no volante, os olhares atentos às ruas, nádegas no assento, braços exauridos depois das horas corridas dirigindo. Uma outra escala é a da viagem. Ela lança os motoristas às ruas, ao enfrentamento das buzinas, dos engarrafamentos e dos semáforos. Às vezes os mergulha na inquietação de não saberem para onde estão indo, no medo de se defrontar com a possibilidade de serem colhidos pela violência das ruas; de não saberem a hora de parar ou até de quanto ganharão no dia.

Essas escalas se entrelaçam com a da cidade, com os delineamentos dos bairros e com as conexões da região metropolitana. Isso ainda está imbricado à escala das empresas de aluguel de carros, assim

CRÔNICAS *litero*-GEOGRÁFICAS

como à escala da organização das empresas globais que configuram a economia de compartilhamento, detêm o monopólio das plataformas digitais e dos aplicativos de mapas.

Com efeito, essas empresas impõem estratégias de controle quase imperceptíveis, mas que interferem nos horários e nos modos de alimentar, dormir, acordar, namorar, estudar ou praticar lazer. O trabalho na Uber finge ser espontâneo, mas é uma forma de prisão a céu aberto. Ao final, constatamos que o modo de produção, ou aquilo que é geral está implicado no que é mais concreto, o estômago vazio, os braços e as pernas cansados, as situações de saúde-adoecimento, o sono interrompido e as necessidades de comer, vestir e morar.

Em resumo, as viagens de Uber demonstram que qualquer trabalho produz existências envolvidas de sonhos, alegrias, sofrimentos, incertezas e vícios. Ao entrar no carro da Uber nos conectamos às escalas implacáveis da exploração capitalista e aos mundos dramáticos de cada trabalhador e suas histórias de vida.

Novembro, 2021



UNA LLUVIA EN SIERRA MAESTRA

*Abrid los ojos pueblos ofendidos,
en todas partes hay Sierra Maestra*

(PABLO NERUDA)

Depois de duas experiências de viagem a Cuba, a primeira em 2015 e a segunda em 2018, entre os dias 21 e 30 de março de 2019, realizei a terceira missão científica à Ilha revolucionária. Dessa vez, com o objetivo de conhecer melhor as paisagens, as histórias e as manifestações culturais do país, tive a oportunidade de passar por distintas regiões e cidades cubanas, desde Havana, Santiago de Cuba, Bayamo e Holguin, além de participar por três dias do Congresso Cubano de Desenvolvimento Local, da Universidade de Granma, em Bayamo. Ademais, em um dos dias da viagem, junto a mais cinco amigas

e amigos brasileiros, caminhamos nas altitudes de *Sierra Maestra*.

Motivados por um trabalho de campo, nos deslocamos da cidade de Bayamo à Comunidade de Santo Domingo, uma localidade nas mediações da Comandancia de la Plata, onde Che Guevara, Fidel Castro e outros revolucionários montaram a base da resistência guerrilheira. Chegamos em Santo Domingo no final da manhã e, após um lanche rápido e acompanhados pelo guia Luis Enrique, iniciamos a incursão geográfica entre os vales, caminhadas em matas fechadas, passagens escorregadias por córregos e pelas alturas da *Sierra Maestra*. Estava consciente: na ilha cubana, quem tem apreço pela vida não vê, não sente e não pensa sem amar.

Ao adentrar as trilhas, entre áreas de vegetação densa ou nas proximidades de pequenas roças cultivadas por camponeses, nossos pés também avançavam na matéria do tempo das histórias da revolução cubana que triunfou em 1959. Os relatos do Guia detalhavam a posição estratégica das montanhas, as batalhas, a covardia dos colaboradores do ditador Fulgêncio Batista, a irmandade de trabalhadores e a coragem dos guerrilheiros barbudos. Entre os

Ricardo Assis Gonçalves

vales ricos em água e de solos férteis, os camponeses ergueram casas, cultivam hortaliças nos quintais, criam animais domésticos e plantam milho, cafezais e bananeiras. No mesmo local, o governo construiu postos médicos e escolas. Assim, a população vive e trabalha de maneira comunitária e coletiva, distante da movimentada Havana.

No início da caminhada o céu cobria a Sierra Mestra com um azul límpido e sedutor. Nos horizontes alcançados por nossos olhares, abria-se o luxuoso verde da vegetação frondosa. Poucas nuvens tocavam os picos do relevo mais elevados em uma dança íntima com o vento. Alguns pássaros voavam em coreografia enquanto outros cantarolavam escondidos nos galhos das árvores. O calor do sol tocava o corpo cansado de cada membro do grupo até que chegamos ao ponto almejado, após cerca de seis quilômetros de trilhas. O banho em uma pequena cachoeira nos deixou prontos para a volta.

De súbito, o claro azul do céu se estampou de um escuro cinza. As nuvens densas e turvas vaticinaram o que foi inevitável: veio a chuva, uma grande chuva, uma bela chuva. A rota da caminhada prosseguia e não houve o que fazer. O Guia foi diligente:

CRÔNICAS *litero*-GEOGRÁFICAS

arrancou da mochila expedientes de plástico para guardar celulares, câmeras e passaportes. Debaixo da chuva ininterrupta, por aproximadamente 20 minutos, continuamos a caminhada, molhados, alegres e corajosos. Ao fim do trajeto, o sol retomou o brilho e o céu descerrou a cor azul outra vez.

A chuva em *Sierra Maestra*, um episódio repetido e experimentado por quem faz a caminhada naquelas circunstâncias, apresentou uma novidade: refletir a solidariedade como instância política. A paciência do Guia com o grupo somou-se ao cuidado e à observância dos passos entre as rochas molhadas enquanto caminhávamos juntos. A jornada era ao mesmo tempo inspiradora: sabíamos que nas lutas dos barbudos de *Sierra Maestra* as mãos estavam dadas. Na mirada dos sonhos dos revolucionários, a luta era ideologicamente afirmada em nome do socialismo e de uma sociedade erigida no triunfo da solidariedade.

Antes do êxito da Revolução Cubana, em 1º de janeiro de 1959, as terras em *Sierra Maestra* pertenciam a latifundiários que lucravam com a exploração dos trabalhadores nos plantios de café e cacau. O domínio senhorial da terra alargava-se ao império da injustiça e da expropriação de pobres mulheres e homens que

Ricardo Assis Gonçalves

decidiram enfrentar a estrutura exploratória à qual estavam submetidos e então apoiaram os revolucionários. A solidariedade dos camponeses foi recordada nos diários e discursos de Che Guevara e de Fidel Castro. Também foi lembrada com a redistribuição das terras nas montanhas e a reforma agrária, em todo o país, continua sendo festejada sessenta anos depois pelo povo cubano.

No momento em que o ódio, a ignorância, a fragmentação das resistências, o patrulhamento ideológico, o desemprego, o medo, a fome e o desprezo às diferenças proliferam no Brasil, urge refletir sobre o sentido político da solidariedade. Arrancá-la dos dicionários e fazê-la ação revolucionária entre as trabalhadoras e trabalhadores, nos sindicatos, movimentos sociais, universidades, bairros, ruas, praças e comunidades. Transformá-la em luta contra as desigualdades sociais, contra as injustiças, o sofrimento e a miséria. Lançá-la no solo como se fosse uma semente fértil e frutífera, generosa como *una lluvia en Sierra Maestra*.

Sejamos essas águas valentes e amorosas.

Abril, 2019



RELOJOEIRO FORA DO TEMPO

Geógrafos e geógrafas como Ruy Moreira, Douglas Santos, Milton Santos e Doreen Massey, ao se ocuparem da crítica aos fundamentos das ciências sociais na modernidade e sugerirem uma leitura dialética do mundo, assentam o pensamento neste princípio: o espaço é inseparável do tempo; o tempo toma corpo no espaço. Portanto, falar de espaço ou território é falar do tempo social. Dele ninguém escapa, nem mesmo o relojoeiro.

No mês de julho de 2019, de férias em Minas Gerais, estive na cidade de Patrocínio para visitar o tio Joaquim. O tio, há 37 anos, dedica-se ao trabalho meticuloso de relojoeiro. No decorrer de uma tarde

conversamos em sua oficina. Na mesa, nas vitrines e nas paredes, centenas de relógios lembram que cada tique-taque assinala a hora de acordar, dormir, comer, sair ou chegar de viagem, iniciar ou encerrar o expediente de trabalho – ilustram o cotidiano regulado e todas as atividades humanas ajustadas pelo tempo do relógio.

Diante de tantos relógios, com ponteiros movendo-se de maneira inexorável, lembrei-me da personagem Coelho Branco, do livro *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll (1832-1898), que se sentia apavorada quando observava esse objeto, símbolo da sociedade industrial do século XIX.

O tique-taque dos relógios não parava e, a cada segundo, minutos e horas, eu e o tio construíamos recordações familiares, do mundo rural vivido por ele, meu avô e outros tios no interior de Minas Gerais dos anos 1970. O tio recordava de quando os roceiros trabalhavam e observavam a “altura do sol” para começar e terminar o dia de serviço. Falávamos do trabalho no mundo rural e sertanejo mineiro, as mudanças para a cidade e a ocupação a que se dedica há tantos anos: relojoeiro.

Por conseguinte, são do tio Joaquim as seguintes palavras:

Desde menino tive admiração pela profissão de relojoeiro. Ver um relógio funcionando me inquietava. Queria conhecer os princípios de funcionamento dos relógios e cheguei a desmontar alguns para descobri-los. Quando adulto, mudei da roça para a cidade e comecei a trabalhar com meu tio Belchior que era relojoeiro. Aos poucos peguei experiência, fui aperfeiçoando e fiz um curso técnico completo. Com isso adquiri as ferramentas de trabalho, entre elas as mais necessárias para o dia a dia, como a chave de fenda, pinça, lupa, tasso, máquina de colocar vidros com as matrizes, mandril, saca platô e bigorna. Com a experiência descobri que em um relógio automático como Seiko ou Oriente, todas as peças são importantíssimas para o funcionamento correto das horas, minutos e segundos. Mas, falando resumido, ele é dividido em três partes, as engrenagens de funcionamento de horas, minutos e segundos, o automático completo e o calendário completo. Hoje o trabalho de relojoeiro modificou em muitos aspectos. Quando comecei tinham os relógios de dar corda manual, o relógio mecânico de pulso, bolso ou parede; depois começaram a aparecer

Ricardo Assis Gonçalves

os relógios digitais, que funcionam com pilhas. Sei trabalhar com todos os modelos, mas a profissão e o jeito de trabalhar continuam transformando – os relojoeiros jovens conhecem apenas os relógios eletrônicos; os relojoeiros que desmontam, descobrem o defeito, procuram recuperar peças ou trabalhar nos relógios mais antigos estão cada vez mais raros. Além de gostar da profissão de relojoeiro, fiz muitos amigos no decorrer dos anos; amigos que chegam aqui na oficina e passam uma manhã conversando, contando histórias, compartilhando alegrias e tristezas. Essa profissão enche meus olhos, a cabeça e os sentimentos. Trabalho com relógios no decurso de mais de 40 anos ininterruptos, e esses anos estão cronometrados na minha história, nas amizades que fiz, nas marcas da idade nas mãos, na barba e cabelos grisalhos. Meu ofício tem relação íntima com o tempo e procuro brincar com ele, o tempo, gerar traquinagens com as horinhas miúdas da vida para que elas permitam que eu continue trabalhando com alegria.

O trabalho do tio Joaquim lida com a máquina que normatizou o tempo na sociedade capitalista. O relógio é um emblema da sociedade moderna e do capitalismo. Ele representa o elo implacável entre

CRÔNICAS *litero*-GEOGRÁFICAS

o tempo e a sociedade industrial. O trabalho nas fábricas passou a ser cronometrado para organizar a produção de mercadorias e explorar os operários. Foi quando o tempo do trabalho gerou o *quantum* da produção de mercadorias.

Na esfera da produção de mercadorias obtém-se a mais-valia. Isso quer dizer: é o roubo do tempo do trabalho facultado pelo salário. Mas o roubo do tempo é o roubo da vida inteira. Assim, assevera o ex-presidente do Uruguai, Pepe Mujica: “Quando compramos algo, não pagamos com dinheiro, pagamos com o tempo de vida que tivemos que gastar para ter aquele dinheiro. Mas tem um detalhe: tudo se compra, menos a vida”.

No interior dos carros guiados por motoristas da Uber, em Nova York, Estados Unidos; nas fábricas de tecido de São Paulo e Goiânia, Brasil, ou nas fábricas de tênis Nike, em Hanói, Vietnã, o tempo da mais-valia é universal: os trabalhadores entregam seu tempo de vida ao tempo do lucro do capital, nos diversos rincões do mundo. Um mundo regido por algoritmos que impulsionam teorias conspiratórias, promove ideias negacionistas, ameaçam democracias e facilitam lucros bilionários de empresas como a Meta

Platforms, Inc. (Fisher, 2023). Um mundo da aceleração do cotidiano; da patologização da existência; das doenças neuronais na “sociedade do cansaço”, conforme o filósofo Byunh-Chul Han (2015).

Desse modo, a contradição central deste período é a aceleração do tempo e o adoecimento do trabalhador no espaço-tempo acelerado; o trabalhador que sofre de ansiedade, ingere drogas para dormir e, ao acordar, compete consigo mesmo, luta para vencer o invencível: o tempo físico; entrega o corpo à correria sem sentido; vê-se atravessado pela hiper-mobilidade de veículos, coisas, notícias, símbolos e imagens. Sujeitos esgotados e assombrados com o tique-taque do relógio; o tempo que se ganha, o tempo que se perde; o tempo do lucro e do dinheiro.

Enquanto isso, em Patrocínio/MG, na oficina construída no quintal da casa, meu tio cuida da máquina do tempo, o relógio. Acorda, toma café, almoça, trabalha reparando relógios antigos, conversa com amigos, conta histórias, janta, ouve músicas, dorme, sonha... O ritmo de cada gesto e tarefa diários ainda toca o tempo lento, arrastado no baile dos dias. Seu trabalho é arte carpinteira da existência. Assim os dias se repetem e os ponteiros dos

relógios, artífices do tempo social matematizado marcam a economia geral da vida no interior de Minas Gerais.

Será o tio Joaquim um relojoeiro fora do tempo?
Ouçamos o tique-taque do relógio!

Agosto, 2019



PAÍS DE LIVROS IGNORADOS

Antes de escrever um texto, tenho o hábito de proceder a uma pesquisa diligente. Separo livros e artigos. Leio novas referências ou releio autores que sustentam minhas inclinações filosóficas e políticas. Pesquiso e sistematizo dados. Estruturo tópicos ou pontos do que planejo argumentar. Isso geralmente me ajuda a definir os pressupostos explorados em cada texto. Em suma, é um processo relativamente lento e requer concentração e tempo.

Não disserto sobre assuntos que estão fora da órbita de minhas experiências; que não contam com o tempo vagaroso da reflexão, da análise e do rigor das fontes. Por isso, diante da babel de narrativas,

CRÔNICAS *litero*-GEOGRÁFICAS

optei por me desviar do fluxo infinito de informações que ocupou os últimos dias e não escrever sobre Covid-19. Apesar disso, estou atento às notícias diárias pela manhã. Li textos de amigos, economistas, biólogos, médicos, filósofos, geógrafos e sociólogos acerca da pandemia.

Embora atento às demandas do momento, escolhi falar outra vez sobre livros. Não exatamente sobre os livros que eu, meus amigos e amigas estamos lendo. Livros tirados das prateleiras para festejarem a nossa imaginação em tempos de isolamento. Alguns leem romances e transformam os personagens em grandes parceiros de solilóquios. Outros exploram densos clássicos para aprofundarem a teoria. E todos prezam o livro como fonte inesgotável de saber, diálogo e conscientização. Sabem que com o livro em mãos é possível enfrentar a tirania, o preconceito, o atraso e a alienação.

Aprecio bibliotecas, livrarias e sebos. Aprendi sempre a carregar um livro. Se for à padaria levo um livro. Se for à lotérica levo um livro. Se viajar, levo livros. Nas minhas férias, leio livros. Leio no aeroporto, na rodoviária, no avião e no ônibus. Nas minhas aulas, há sempre livros na mesa. Se estiver

na rua e deparar com livros expostos na calçada, paro para olhá-los.

Foi assim que certo dia, no corredor da universidade em que trabalho, me deparei com uma pilha de livros e revistas descartados da biblioteca e expostos para quem tivesse interesse. Parei e fui manusear cada livro e revista. Encontrei a *Gramática histórica da língua portuguesa* (Edição de 1966), do filólogo Manuel Said Ali Ida (1861-1953), publicada pela primeira vez em 1931. Peguei o livro e coloquei na mochila sem saber muitos detalhes sobre ele. Ao chegar em casa e pesquisar melhor, constatei que é um clássico precioso, essencial para quem é curioso ou gosta de explorar a formação de palavras, a origem e a evolução da língua portuguesa. Ademais, abri o *site* da Estante Virtual, digitei o título e descobri que há edições à venda por valores que ultrapassam a R\$ 100,00.

Essa história real, um episódio aparentemente prosaico, esclarece componentes da cultura e da formação da cultura e da sociedade brasileiras. Dialoga com a educação e com a cognição, que são universais. Como um livro emblemático e importante, de um autor respeitado, é desconhecido e ignorado

na biblioteca de uma universidade pública? Quiçá o desprezo se deva ao desconhecimento, inclusive desse assunto estrito que é a gramática histórica. Assunto talvez só possível para as pessoas muito eruditas. Mas essa indiferença com um clássico não revela só o desconhecimento do assunto, a gramática histórica. Ela indica a falta de importância que a sociedade brasileira ou grande parte dela dá ao livro e, por consequência, à educação, às aulas e à escola. Sintetiza a precariedade da relação do país com o livro, com a escola. Todavia, quero ressaltar de fato uma questão que me interpela desde que ingressei na universidade: a desconsideração pela teoria, mesmo nessa instituição, mesmo nos círculos dos cursos de ciências humanas.

Além de minha experiência, já ouvi de professores e amigos os seguintes questionamentos: o que tem na teoria que amedronta as pessoas? O que faz com que ela seja temida mesmo na universidade, lugar em que é necessária, debatida e interrogada? As pessoas que estudam, leem, dedicam parte de seu tempo para pesquisarem a “arqueologia do saber”, como fez Michel Foucault (1926-1984), ou os fundamentos dos saberes com frequência sofrem

preconceito; ou aquelas pessoas que fazem uma interpretação dos eventos da vida, os sentidos e as contradições das coisas a partir da teoria geralmente são repugnadas. É como se houvesse uma preferência pelo senso comum. Pelo banal e ordinário. Pelo bom gosto geral. Pelas repetições insossas. Pelas denúncias abstratas. Pelas críticas externalizadas. Conseqüentemente, é como se temessem as interpretações teóricas, profundas e rigorosas.

A adesão ao discurso fácil, a repulsão à crítica teórica ou à interpretação teórica talvez expressem aquilo que Paulo Freire (1921-1987) sintetizou como a precariedade histórica da escola brasileira. Sua justificativa é que a elite brasileira desconsiderou o livro. Preferiu o latifúndio ao livro, a escravidão ao livro, o boi ao livro, o coronelismo ao livro, o atraso ao livro, a corrupção ao livro.

Isso não quer dizer que a teoria, dilatada nos livros, resolve tudo; ou que não possa haver alienações a partir do discurso teórico. O fato é que a própria teoria precisa ser criticada. E conforme dito por Karl Marx (1818-1883), o critério da crítica é a realidade. Se a teoria desloca, afasta ou entra em suspensão em relação à realidade, a teoria perde

sentido, vira apenas discurso. Milton Santos (1926-2001) segue o mesmo raciocínio quando faz a diferença entre teoria e discurso: toda teoria se realiza em um discurso, mas nem todo discurso conduz a uma teoria. A teoria deslocada dos problemas do mundo cria o discurso vazio e inútil. É hermética e vagueia solitária.

Mas a questão do nosso texto, o desprezo pelo livro e a recusa pela teoria, mesmo na universidade, mesmo nas ciências humanas, tem um sentido político: é a repugnância pela crítica. Em muitos casos é a opção dos preguiçosos, dos que têm dificuldades de estudar com concentração e disciplina. Daqueles que acham que pensar não tem sentido.

A teoria existe porque a experiência não basta, mas sem a experiência a teoria pode ser vazia, diz com frequência meu amigo e geógrafo Eguimar Chaveiro. Tanto é que o marxismo constituiu uma palavra para unificar teoria e prática, a práxis. E a práxis, como componente constituinte da ação e da teoria, é axiológica, possui um valor, orienta visões de mundo. Então, podemos dizer que há teorias de direita e teorias de esquerda. Há, por exemplo, as teorias que defendem o socialismo como as condições pelas

quais a humanidade pode ser solidária e a riqueza pode ser dividida; e as teorias liberais, neoliberais e ultraliberais, que evocam o sujeito neoliberal, cultivam a competição e o estrategismo; argumentam que a força do capital é que deve destinar quem se torna dono da riqueza. Quando Vladimir Lenin (1870-1924) disse que sem teoria revolucionária não há revolução, estava dizendo que sem teoria revolucionária não há desalienação. Por isso, há que se protestar contra os discursos que ignoram a teoria, seja na direita, seja na esquerda; seja na universidade, seja fora dela.

A teoria existe para o pensamento procurar meios de humanizar o ser humano, como disse Paulo Freire (1921-1997), ou para libertar o ser humano de qualquer escravização, como disse Jean-Paul Sartre (1905-1980). Para a teoria é preciso prezar os livros. Não se pode deixá-los mofando nas bibliotecas, ou desprezados nos corredores das universidades. Finalmente, apesar de amar os livros, toda vez que me sinto cansado, fadigado com a política e a burocracia do trabalho, costumo viajar ao encontro de minha família em Santa Rosa, no município de Coromandel, Minas Gerais. Lá, meus familiares

e as pessoas simples do lugar pouco conhecem as matérias teóricas dos livros. Entretanto, com elas celebro a festa das palavras narradas pelos contadores de causos. Tenho sorte de gostar dos livros; tenho mais sorte ainda de ter nascido naquela terra, retornar a ela e, sob o céu bordado de estrelas, ouvir aqueles narradores anônimos.

Abril, 2020



LIVROS ABANDONADOS

Os lares brasileiros raramente possuem livros. As casas que guardam livros geralmente são as de professores universitários, literatos, artistas e intelectuais. Inclusive, muitas aquisições desse objeto anômalo à sociedade brasileira é, conforme diz Carlos Nelson Coutinho, uma parte da cultura ornamental, aristocratizante e elitista. Todos conhecem pessoas que transmutam a sua imagem nos livros que possuem. Exibem livros nas estantes e posam como leitores. Alguns desses até desejariam comprar erudição em cápsulas. Contudo, esses mesmos sujeitos leem pouco e efetivam sua experiência humana distantes desse objeto opúsculo. Suas experiências

são mais ligadas aos estrategismos cotidianos, aos apanágios de consumo, ao proselitismo doméstico e à gestão liberal da vida.

A subjetivação liberal afasta o sujeito do livro para insuflá-lo nos negócios e nas esferas de poder institucionais. Alguns conhecem pessoas que consolidam a sua visão de mundo, a sua significação da vida e do trabalho, o seu entendimento de categorias da sociedade como classe, corpo, subjetividade, sofrimento e alegria debruçadas nos livros. Sabem que a leitura modula e dilata a sua experiência no mundo. E essas pessoas estão dentro e fora da Universidade, encontram-se nas praças, nos sebos, nas academias, nas bibliotecas, nas salas de aula, nos institutos e nas livrarias. Os livros as acompanham nas viagens, nos bares, na padaria, na feira de domingo e até na sala de cirurgia (como o caso de um médico anestesista aposentado que nunca acompanhava uma cirurgia sem ter em sua pasta um livro de Rubem Alves ou romances clássicos).

Em contrapartida, a imensa camada de trabalhadores empobrecidos brasileiros está distante dos livros. De maneira precária, os trabalhadores se relacionam com a leitura apenas nas escolas.

Não obstante, em momentos fortuitos e fragmentados. Os livros não os acompanham na compra de jornal como era o caso de Drummond; nem sobem as paredes de suas casas como era o caso de Pablo Neruda; muito menos radicam-se nas prateleiras de dicionários como é o caso de Chico Buarque; ou realizam a satisfação sensorial do odor dos sebos como era o caso de João Ubaldo Ribeiro. Clarice Lispector, quando chegava numa cidade, guardava tempo para visitar as livrarias. Bernardo Élis destinava dias às bibliotecas. Livros, vários disseram, são naves, com eles viajam o mundo inteiro. Com eles viajam dentro de si e também aos planetas inexistentes e necessários, como o da fantasia. Todavia, a classe trabalhadora brasileira está longe disso.

A formação socioespacial brasileira se estabeleceu abrigada no poder do latifúndio violento e das oligarquias agrárias clientelistas. Mas a ocorrência desse fato não traduz uma identificação, um pertencimento e um amor autênticos pelos livros. Demonstração desse fato foi experienciada por mim no Condomínio em que moro em Goiânia (GO). Em um dia fortuito fui ao depósito de lixo. Ao chegar no local fiquei atordado diante de um monturo peculiar:

livros descartados em caixas. Havia apostilas e livros didáticos de geografia, biologia, matemática, história e português do Ensino Médio. Ademais, o que me deixou ainda mais atônito foi a constatação de que naquelas caixas existiam livros de Cora Coralina, Cecília Meireles, Machado de Assis e Gabriel Nascente. Este último, um conhecido poeta goiano, autor dos versos “O mundo está solto na rua, / vagabundo como demônio: / girando, girando, / crianças morfina, / cartazes hediondos.” Não tive dúvidas, revirei as caixas e juntei os livros que passaram a fazer parte de minha biblioteca.

No rastro desse visível desprezo por livros, recentemente erigiu-se, sob a ação tacanha dos empresários do agronegócio, uma música própria e concernente a esses sujeitos. Poderia se afirmar: o agro é musical. E, assim, o agro não é literário nem filosófico. Essa classe endinheirada à custa da concentração de terras, pilhagem das águas, do ar e das florestas prefere imensas piscinas, *resorts* luxuosos, churrasqueiras em suas fazendas paradisíacas. Nada de livros.

Constata-se que a formação socioespacial brasileira não está para os livros. Frente a essa contradição,

os livros se tornam ainda mais essenciais. Por intermédio deles os conflitos e as contradições sociais são elucidados; a fundamentação do trabalho na experiência humana, na promoção de saúde e no fator de adoecimento é interpretada; a força do Estado na organização do território é compreendida. Os livros facultam a leitura da segregação socioespacial, filha da modernização conservadora; propiciam o deslindar crítico do monopólio da riqueza, da terra e do território. Nos livros enxergam-se o devir humano infinito, a face problemática do ser humano, as suas graças e júbilos; a sua potência transformadora e os seus sonhos. Tudo é narrado e universalizado; e se a experiência não for narrada, ela não existe para a consciência. Talvez pudéssemos parodiar a poetisa Valéria Cristina da Silva: “Os livros são os armazéns dos anos”.

Por isso, negar livros à sociedade brasileira redundaria na manutenção do “desenvolvimento moderno do atraso”, conforme sinalizado pelo crítico literário Roberto Schwarz. Quem anda próximo a mim, formal ou informalmente, escuta a declaração de minha perplexidade: a própria universidade não tem intimidade com os livros. Demorei para

CRÔNICAS *litero*-GEOGRÁFICAS

entender esse estranhamento. Leitores são poucos e raramente são identificados nas salas, corredores, auditórios e bibliotecas das universidades. Ocorre ainda de os ínfimos leitores que existem nessa instituição, aqueles sujeitos que defendem a convivência com os livros, serem vítimas de sarcasmo e considerados excêntricos. São vistos como seres exóticos, que vivem no “mundo da lua”, bitolados e antiquados por preferirem ler um romance no final de semana do que sair para o churrasco ou para beber cerveja no bar.

Enquanto milhões de brasileiros edificam suas experiências de vida distantes dos livros, parte da classe média os adquire com facilidade nas livrarias. Alguns compram livros apenas quando indicados nas escolas frequentadas pelos filhos; outros consideram a leitura uma atividade diletante e, por isso, ostentam livros que prometem ensinar a desvendar a mente de milionários. No painel dos livros conselheiros há de tudo, inclusive conselhos para se ter coragem de ser imperfeito; para usar o pensamento para enriquecer; para transformar as crises num bem de superação econômica.

Ricardo Assis Gonçalves

Entre os livros que recolhi do lixo estão: *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles; *A menina, o cofrinho e a vovó*, de Cora Coralina; *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; e *Inventário poético*, de Gabriel Nascente. A descoberta desses livros no depósito de lixo do Condomínio me deixou não só perplexo. Ela tornou-se, para mim, peça simbólica de um país cuja formação social não efetivou o convívio com os livros. Pelo contrário, consolidou uma cultura de desprezo pelos livros na mesma medida em que os negou aos trabalhadores. Negou a eles os livros, como também o acesso pleno à saúde e à educação pública, ao trabalho, à terra, à alimentação e à moradia digna. Brasil, um país de livros e direitos abandonados!

Março, 2022



O LEITOR E O TROPEL DA VIDA

Quando lemos um livro abrimos a imaginação ao mundaréu de ideias, personagens e palavras. Às vezes, de tão excepcional, é excruciante concluir um livro. Já proroguei o término de uma leitura devido ao arrebatamento que ela me provocou. Desejei protelar o regalo da leitura e assegurar a fogueira da curiosidade. Em outros casos, choramos quando uma personagem morre no escoar da trama.

A leitura provoca sensações inesperadas ao leitor. Diante de determinada narrativa é possível sentirmos partícipes das batalhas de personagens como Aureliano Buendía, de Gabriel García Márquez, mesmo que para perdê-las. Ademais, ler é

Ricardo Assis Gonçalves

como viajar, ter as qualidades de um aventureiro, ser um “Crusoé de poltrona”, como afirma Alberto Manguel em *O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça*.

Além da metáfora do leitor viajante, Manguel, com erudição, nos apresenta em seu livro outros dois tipos de leitores: o “leitor da torre de marfim” e o “leitor traça de livros”. Para explorar cada uma dessas metáforas, o autor explicita argumentos fundamentados em denso conhecimento de história, filosofia e literatura. Suas análises vasculham experiências e representações de leitores que perpassam mesopotâmicos, egípcios, gregos e romanos. Manguel demonstra ser um exímio intérprete de Platão, Santo Agostinho, Dante Alighieri, William Shakespeare e Miguel de Cervantes.

Com efeito, em *O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça* destaca-se como centros de interpretações uma mistura de saberes e experiências de Manguel como escritor, tradutor, editor e ensaísta. O autor elucidada que, desde as civilizações antigas, “têm sido produzidas imagens de leitores em todas as situações concebíveis, dotadas de significados

simbólicos complexos de identidade, poder e privilégio” (2017, p. 110).

Assim, compartilho três aspectos considerados surpreendentes na leitura que fiz do livro aludido. O primeiro refere-se às sátiras em torno dos leitores. E uma das representações que se criou para satirizar leitores foi a do “Louco dos livros”. Manguel demonstra que “no final da Idade Média e no Renascimento, a identidade do Louco dos livros foi criada para escarnecer e solapar certos aspectos do poder do leitor. Seus traços eram exagerados, sua atitude, ridicularizada, de modo a associá-lo, não com o louco sábio, não com o ‘Louco de Cristo’ descrito por São Paulo em sua primeira Carta aos Coríntios, mas com o ‘beberrão’ das histórias e peças populares, o bronco, o ignorante que, como a traça, devora livros, mas permanece estúpido” (2017, p. 119).

A representação do leitor como “maluco” parece ter se arrastado até os dias atuais. É comum depararmos com atitudes irônicas contra leitores, mesmo no meio acadêmico. O incômodo gerado pelo leitor torna-o objeto de sátira, inveja ou competição. A gozação ocorre quando ele prefere a biblioteca do que o bar; opta pela leitura de um romance à festa

em finais de semana. O deboche acontece quando alguém chega próximo ao leitor e diz com censura: “Chega de tanto ler! Feche esse livro e vá viver”. (2017, p. 113). Manguel reage a esse tipo de repreensão, “como se ler e viver fossem dois estados diferentes do ser, como se o admoestador temesse que o leitor talvez não soubesse mais a diferença do que é ‘carne sólida’ e do que não é” (2017, p. 113). Vozes do senso comum também reproduzem a representação negativa do leitor quando deparamos com afirmações do tipo: “Você ficará doido de tanto ler”; “Você vive no mundo da lua”; “Fulano enlouqueceu de tanto estudar”; “Ele vive isolado do mundo, só pensa em ler”; “Ler te deixará perturbado”.

O segundo ponto em destaque no livro de Manguel refere-se ao pavor que os leitores provocam nos poderosos. O escritor sinaliza que “desde os tempos dos escribas mesopotâmicos e egípcios, o ofício do leitor foi suspeito de ser magicamente perigoso” (2017, p. 110). Os poderosos desdenham dos leitores e se opõem a eles afirmando-se homens da política, da economia ou dos negócios do Estado. À vista disso, o leitor torna-se objeto de conotações negativas que o associam a um ser sem conexão com a

CRÔNICAS *litero*-GEOGRÁFICAS

realidade cotidiana; um sujeito incapaz de ajudar a mudar a sociedade com sua prática inútil de ler filosofia, poesia e ficção.

O autor de *O leitor como metáfora* demonstra que “esse é o ressentimento de muitos dos que detêm o poder, dos que opõem as forças políticas e econômicas à atividade intelectual e descobrem que não têm como eliminar a capacidade humana de imaginar o mundo por meio da linguagem” (2017, p. 122). Em períodos de ditaduras, como ocorreu no Brasil, leitores críticos foram presos e torturados. Jovens leitores eram vistos como ameaças aos algozes intrépidos agarrados ao poder. Não sem razão, no Governo Bolsonaro (2019-2022) as universidades, *lócus* da formação de leitores, foram vistas como ameaças e, por isso, atacadas e fragilizadas.

O terceiro e último ponto realçado relaciona-se à distinção entre “o leitor glutão” e o “leitor reflexivo”. O “leitor glutão” é próximo à metáfora da traça como representação do sujeito que lê dezenas, centenas de livros para realçar fama de erudição ou “intelectual”. Contudo, o “glutão” é o leitor de almanaque, de autores, teorias e ideias que, ao final, produzem apenas um paiol de informações. A leitura

Ricardo Assis Gonçalves

em demasia e fragmentada do “glutão de palavras” nem sempre lhe permite constituir uma referência sólida frente ao mundo e ao conhecimento.

Por outro lado, o “leitor reflexivo” pode até não ser “devorador de palavras”, mas reconhece o que é uma leitura em profundidade por ser sagaz, atento e apaixonado. A leitura exercida de maneira reflexiva é solidária com a anotação, com as dimensões lexicais, estéticas, discursivas e estilísticas de um texto. O “leitor reflexivo” está seguro da maneira como organiza o pensamento, interpreta o mundo e se posiciona com rigor teórico e político. Ele lê para se sentir por inteiro no tropel da vida. Quer viver com lucidez, para isso lê. Quer ler, para isso vive.

Janeiro, 2024



QUANDO O CORAÇÃO LÊ

Nos últimos dez anos, profissionalmente e também por paixão, me envolvi com detido empenho no estudo desta questão central que Roland Barthes, Umberto Eco, Alberto Manguel, Heloísa Buarque de Hollanda, Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, Rubem Alves e tantos outros se preocuparam: a leitura. Ler, para esses e outros autores, começa pelo código linguístico, mas o ultrapassa. Trata-se de uma densa experiência humana de olhar, sentir, interpretar e imaginar o mundo, atravessada pela mediação irreparável da linguagem.

Estimulado por uma prolífera trajetória de estudos, parcerias e leituras no campo lítero-geográfico,

passei a escrever textos e livros por espontânea vontade e por obrigação institucional devido à condição de professor e pesquisador na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Por conseguinte, entusiasmado com as possibilidades de transformar vivências de pesquisas relacionadas à temática da mineração, escrevi a primeira edição do livro *Onde você está nesta lama? Crônicas da mineração no Brasil*.

Segundo Umberto Eco, a pessoa que escreve, escreve para alguém ler. Esse alguém é o leitor, de quem não se sabe o nome, a altura, a classe e os gostos; não se sabe a cidade, o bairro e a rua onde mora. O leitor é um sujeito desconhecido que pode ser um viajante, um “Crusoé de poltrona”, como definido por Manguel. Ele viaja entre parágrafos e páginas, viaja entre paisagens e espaços fictícios, viaja ao encontro de personagens desconhecidos.

Quando lançamos um livro ao público, seu destino inevitável são as mãos e os olhos desse sujeito – o leitor – que aparentemente é abstrato, mas no fundo é concreto. Diante das palavras que descrevem experiências do escritor, o leitor poderá sorrir, emocionar, chorar, indignar, concordar ou discordar. É insondável o destino de um livro. Ele poderá

servir, inclusive, apenas para preencher os buracos das prateleiras de bibliotecas.

Não sabemos o destino de um livro quando jogado à multidão de leitores cada vez mais interessados nas narrativas de autoajuda, conselhos de *coaches* ou de guias esotéricos. Temos dúvidas se nossos livros serão de interesse de sujeitos insuflados na “sociedade do cansaço” (Han, 2015) ou entregues ao “extrativismo da atenção” (Bucci, 2021) provocado pela “superindústria do imaginário” (Bucci, 2021).

Contudo, de maneira surpreendente, o meu livro *Onde você está nesta lama?* teve uma leitora especial, a minha avó Luzia, de 82 anos. Vó Luzia vem de tempos remotos, de um mundo rural povoado por causos ancestrais transmitidos pela exímia oralidade de trabalhadores. De família de roceiros analfabetos, frequentou pouco a escola. Mas aprendeu a escrever bem o nome e a ler silenciosa e devagar. Sua atitude aproxima-se do que disse Manguel: “A descoberta da arte da leitura é íntima, obscura, secreta, quase impossível de descrever” (2021, p. 165).

Em uma de minhas viagens a Santa Rosa, distrito de Coromandel (MG), pouco depois de lançar

o livro, deixei um exemplar na casa da avó Luzia. Quis presentear-lhe com meu primeiro livro de crônicas autoral. Foi um gesto simbólico, uma forma de agradecer-lhe pelo que fez por mim quando comecei a estudar. Foi ela que me acompanhou na primeira vez que pisei o chão da escola. Desde menino, ouvia dela e de meu avô que “o estudo é a única coisa que ninguém roubará de você”.

Retornei para casa em Goiânia (GO) e me esqueci deste gesto gratuito: presentear a vó Luzia, uma camponesa do mundo sertanejo mineiro, com o livro sobre os desastres do modelo de mineração brasileiro. Após alguns meses, através de uma conversa por telefone com minha mãe, soube que a vó havia lido o livro de crônicas da mineração. Essa descoberta me deixou surpreso e emocionado. Desde a publicação, recebi comentários de professores, estudantes, amigos e pesquisadores do tema, gente ligada ao trabalho na universidade. Mas não imaginava que, entre os leitores e as leitoras, existia uma tão especial.

Sabia da predileção da vó Luzia pelas leituras. Muitas vezes presenciei ela, nos dias com manhãs e tardes coruscantes do sertão mineiro, recolhida na

varanda da casa para ler, palavra por palavra, frase por frase, as páginas da *Bíblia* e de alguma revista ou livro religioso. Também admirava sua exímia memória quando recitava rezas e cantorias do catolicismo popular de roça. Reconhecida na região como benzedeira diligente, foi essa camponesa que leu meu livro como um gesto sagrado, uma maneira de declarar seu amor ao neto.

Certamente, essa mulher sertaneja não leu o livro para formular um projeto intelectual, nem para fazer uma dissertação ou uma tese, muito menos para amparar-se a escrever uma carta ao governador de Minas Gerais ou ao presidente da República, contestando as leis ambientais e trabalhistas que auxiliam o modelo mineral brasileiro.

Durante dias concentrou seus olhos cansados nas frases e parágrafos para descobrir neles a alma do Brasil, a lama do país. Mas não leu com o propósito de elaborar uma crítica às empresas Samarco e Vale, que construíram barragens de rejeitos e reduziram os custos de monitoramento e prevenção do desastre. Essa singela anciã do sertão leu com um propósito: fazer o seu coração se aproximar do meu. Ela leu por amor.

Ricardo Assis Gonçalves

Quando retornei a Santa Rosa, perguntei à avó Luzia sobre a leitura do livro. Ouvi dela as seguintes palavras:

Dei conta de ler o livro todinho. Cada dia eu lia, cada dia tirava um tempinho para ler. Gastei bem uns dias, mas fui lendo devagar até ao final. Eu gosto de ler, leio devagarinho devido às vistas fracas. Para as leituras fico quietinha em um lugar mais claro e tranquilo. Nas horas em que estou mais folgada e sozinha eu gosto de ler para entreter. Ao ler, me distraio de muitas coisas. Antigamente a gente quase não lia, trabalhava demais, não tinha tempo. O tempo era gastado na roça, no trabalho braçal. Agora que não trabalho tanto, tiro um tempo para as leituras. Foi assim que pude ler seu livro. Achei você inteligente, capaz de emendar as histórias. Eu fiquei curiosa pelas histórias que você contou, mas também fiquei triste ao saber o que aconteceu com as pessoas que passaram por aquelas tragédias da mineração. Eu fiquei emocionada, foi muito triste o que as empresas fizeram. Mas gostei mesmo dos causos de garimpeiros que você narrou, me lembrou das histórias de seu avô e de seu tio Manoel, que foram garimpeiros,

garimpeiros que apenas sonharam com os diamantes raros de Coromandel.

Recolhi as palavras da avó Luzia para entoar uma descoberta: quando o coração lê, qualquer interpretação gagueja diante da inesgotável experiência humana narrada em um livro. Quando o coração lê, o tamanho de um gesto não cabe na métrica de um verso ou no enredo de um conto. Quando o coração lê, as explicações, as filosofias, as teorias ou as gramáticas não bastam. Quando o coração lê, não é necessário decifrar palavras complexas, características da estilística acadêmica. Quando o coração lê, a principal forma de expressão da linguagem é o sorriso autêntico desta mulher de eras ancestrais, minha avó Luzia.

Depois de saber que *Onde você está nesta lama?* teve como leitora minha avó, compreendi que mine-rar com palavras possibilita descobertas de leitores que pareciam inalcançáveis. O gesto dessa camponesa de Minas foi tão belo como as revoadas de sabiás do quintal frondoso de sua casa, onde passei a infância e riscava no chão vermelho as primeiras palavras que aprendia na escola. Seu exemplo

Ricardo Assis Gonçalves

demonstra que, quando o coração lê, o texto abre-se às infinitas possibilidades de realização da linguagem, inclusive a linguagem do amor da avó pelo neto.

Outubro, 2023



A DESCOBERTA DAS BIBLIOTECAS

O livro *Encaixotando minha biblioteca: uma elegia e dez digressões*, do escritor argentino Alberto Manguel, inicia com a descrição da biblioteca de mais de 30 mil livros reunidos pelo autor no decorrer de vários anos de estudos dedicados à história da leitura. A mesma biblioteca que teve de ser encaixotada quando ele decidiu se mudar de sua casa na França para o Canadá. Empacotar sua biblioteca de milhares de livros não foi apenas uma tarefa laboriosa; foi também uma viagem ao mágico solo da leitura e da escrita.

Ler o livro de Manguel me fez refletir sobre minha relação com os livros e as bibliotecas. Nasci

no interior de Minas Gerais. Na comunidade rural onde passei a infância e a adolescência ninguém tinha bibliotecas. Território desigual e de trabalhadores explorados e analfabetos, a leitura estava distante dos gostos, dos hábitos e da formação cultural da sociedade local. O único livro que todos os trabalhadores conheciam era a *Bíblia*, que mesmo os analfabetos guardavam aberta em uma mesa ou estante da sala da casa.

Meu primeiro contato com os livros ocorreu quando ingressei na escola pública. Nela existia uma professora que reunia os alunos à sombra de imensas mangueiras para leituras coletivas. As crianças escolhiam livros e, sentadas no chão ou em cadeiras que levávamos da sala, liam e compartilhavam em círculos histórias e personagens. Naqueles momentos, a imaginação das crianças ultrapassava os muros da escola para viajar ao mundo de ficção, para percorrer continentes desconhecidos.

A biblioteca da escola era simples, de poucos livros e quase nenhuma organização do acervo. Aos poucos ela foi transformando-se no depósito de móveis velhos e “lugar do castigo”. De toda maneira, a Irenilda, nossa professora de História e Geografia,

mantinha a prática de recolher livros e distribuí-los entre os alunos para as leituras no pátio arborizado. Me lembro de as palavras da professora voarem como as borboletas e pássaros que se misturavam à meninada. Sua voz bondosa e solidária ensinava os filhos de camponeses a descobrirem os livros e a ressignificarem a biblioteca da escola.

A escola pública de Santa Rosa democratizou o acesso ao livro para centenas de filhos de roceiros e trabalhadores pobres do mundo rural mineiro. Certamente essa escola e a professora estão na origem de minha dilação por livros, bibliotecas e leituras. Me tornei um frequentador de todas as bibliotecas públicas dos lugares onde morei e estudei. Em Patrocínio (MG) e Coromandel (MG), por exemplo, atravessava tardes inteiras nas bibliotecas municipais lendo e admirando livros novos ou de capas pardacentas. Nelas era recebido como leitor discreto e tímido.

Encontrava nas prateleiras das bibliotecas os livros que me apresentaram personagens como Dom Quixote e Sancho Pança, de Miguel de Cervantes; Dr. Simão Bacamarte, de Machado de Assis; Tieta e Pedro Bala, de Jorge Amado; e Zaratustra, de Nietzsche. Recém-saído da comunidade rural para cursar

licenciatura em Geografia na cidade de Patrocínio; magro, tímido e pobre, encontrei nas bibliotecas um oceano de sonhos, imaginação e amizades com criaturas fictícias de enredos intermináveis.

A descoberta das bibliotecas preenchia minha curiosidade e despertava em mim práticas que não abandonei mais, como a de fazer anotações depois da leitura de um texto ou de um livro; de ter um livro sempre ao alcance das mãos em qualquer lugar; de anotar palavras desconhecidas em um caderno para depois utilizá-las. A descoberta das bibliotecas demonstrou que ela é um dos espaços mais aprazíveis onde já entrei. Cresci ouvindo da família religiosa que o remanso da alma se encontrava dentro da igreja, mas, no meu caso, fui encontrá-lo no interior das bibliotecas.

Em um tempo no qual milhares de textos podem ser baixados ao toque da tela do celular ou do *tablet*; diante de um cotidiano capturado por jogos *online*, curtidas no Instagram, vídeos de TikTok e de *youtubers* com milhões de seguidores; enfim, frente a um tempo em que o “extrativismo da atenção” vale trilhões de dólares (Bucci, 2021), falar de bibliotecas pode parecer supérfluo. Todavia, as observações

de Alberto Manguel, através de *Encaixotando minha biblioteca*, demonstram o contrário.

Entre as lições sublinhadas pelo autor, destaca-se a de que “toda biblioteca é autobiográfica” (2021, p. 64). Para ele, os livros que guardamos nas bibliotecas contam parte de nossa história. Há os livros com dedicatórias de pessoas queridas; os livros que ganhamos de presente de aniversário; os livros presenteados por um professor que admiramos; os livros que compramos nas ruas empoeiras de *Havana Vieja*, Cuba, depois de ler Leonardo Padura; os livros cuja leitura foi fundamental no mestrado ou doutorado; os livros com poemas que lemos em voz alta e apaixonada. Guardamos certos livros, pois há neles parte de nossas experiências e histórias buriladas no tempo. Talvez, também por isso, igual a Manguel, nunca me senti sozinho nas bibliotecas.

Outra lição do autor refere-se ao amor pelos dicionários. “Em termos práticos, os dicionários coletam nossas palavras tanto para preservá-las como para nos entregá-las de volta, para nos permitir ver que nomes demos à nossa experiência no decorrer do tempo, mas também eliminar alguns desses nomes e renová-los num continuado ritual de batismo. Nesse

Ricardo Assis Gonçalves

sentido, os dicionários preservam a vida, confirmam e revigoram a seiva vital da linguagem” (2021, p. 134).

O amor pelos dicionários fez Manguel reunir centenas deles em sua biblioteca. Assim, ele demonstra que grandes escritores como Gabriel García Márquez eram leitores de dicionários. No caso do autor de *Amor em tempos de cólera*, os dicionários eram folheados à cata de palavras novas todas as manhãs antes de escrever qualquer coisa. García Márquez sabia que nos dicionários palavras aguardam a luminosidade do texto literário.

Isso me fez lembrar de um amigo que aprecia os dicionários e diz que eles são os principais indicativos de um intelectual. Neles, o léxico de determinada língua está à espera das descobertas de curiosos escritores e leitores. Esse mesmo amigo passa dias de férias de final de ano à procura de palavras novas que anota e incorpora em textos ou frases de cartas que ainda escreve e envia por correios a alunos.

Alberto Manguel também sublinha a importância e o poder da literatura. Para ele, “é claro que a literatura pode não salvar ninguém da injustiça, das tentações da cobiça ou das desgraças do poder. Mas algo nela deve ser perigosamente eficaz, já que todo

governo totalitário e todo alto funcionário ameaçado tentam eliminá-la queimando livros, proibindo livros, censurando livros, aplicando impostos sobre livros, limitando-se a fazer de conta que respeitam a causa da alfabetização, insinuando que a leitura é uma atividade elitista” (2021, p. 158).

A literatura, de fato, parece incomodar muitas pessoas e não apenas os poderosos e governantes. Certa vez um professor me viu com um livro de literatura em mãos e fez chacota. Disse que deveria dedicar minha atenção à pesquisa do doutorado e não aos devaneios da ficção. O livro era *Naqueles morros, depois da chuva*, do escritor goiano Edival Lourenço. A ambientação do romance de Lourenço contou com o cotidiano febril das minas de ouro goianas do século XVIII. Minha tese era sobre a mineração em Goiás. Nesse sentido, estava lendo um livro de literatura que ampliou minha compreensão da formação social e cultural goiana. Ademais, acreditava que a interpretação lítero-geográfica seria fundamental na construção do texto da tese. Por isso, só me restou naquele momento considerar as palavras do referido professor uma pachouchada inconveniente.

Ricardo Assis Gonçalves

Alberto Manguel também se demonstra interessado em provocar a formação de leitores. Diz o autor de *Encaixotando minha biblioteca*: “O único método comprovado de fazer nascer um leitor é um que ainda não foi descoberto, que eu saiba. Na minha experiência, o que funciona de vez em quando (mas nem sempre) é o exemplo de um leitor apaixonado. Às vezes, a experiência de um amigo, um pai, um professor, um bibliotecário, obviamente emocionados com a leitura de determinada página, pode inspirar, se não a imitação imediata, ao menos a curiosidade. A descoberta da arte da leitura é íntima, obscura, secreta, quase impossível de descrever” (2021, p. 165).

Está aí a maior lição do livro: o exemplo do leitor apaixonado.

Por fim, perguntamos: nós, professores e profissionais da palavra, temos o direito de não sermos leitores apaixonados?

Para ser um leitor apaixonado, a descoberta das bibliotecas é fundamental. Descobri-las é abrir-se a desvelamento do mundo, dos mundos da imaginação e da vida.

Dezembro, 2023



OS MORTOS DO BRASIL

E na minha frente continuava o folheto sobre a mesa: febre tifoide, 6; difteria, 2; coqueluche, 2... Sim, eu voltava aos mortos de Manaus. Ou melhor, os mortos de Manaus voltavam a mim, rígidos, contados pelas estatísticas, transformados apenas em números e nomes de doenças. (RUBEM BRAGA)

A epígrafe acima, extraída da crônica “Os mortos de Manaus”, publicada nos anos 1940 por Rubem Braga (1913-1990), expõe em narrativa literária o que o boletim estatístico insistia em dizer para o escritor: as estatísticas dos desconhecidos pobres-mortos de Manaus exibem as mazelas que tombam corpos humanos e os transformam em nomes de doenças e números. Números que silenciam a idade, a cor da pele, a classe social e o trabalho de cada pessoa morta por diarreia, tuberculose, coqueluche, sarampo... Números que insistem em

quantificar, apenas, sem explicar que tantos corpos fracos, famintos e raquíticos desabam mortos de tanto tremer, tossir e cambalear na vala da pobreza. Números que quantificam sem dizer que em cada morte há a assinatura do Estado, por não universalizar saúde pública, saneamento básico e vigilância em saúde do trabalhador.

Nos últimos meses, devido à Pandemia da Covid-19, os números de mortos no Brasil passaram a preencher páginas e páginas de boletins estatísticos diários, publicados nos jornais impressos e digitais. Os números de mortos, acompanhados por Covid-19, esse nome estranho, desfilam na tela dos computadores, dos celulares e das televisões. Diariamente, nas manhãs, tardes e noites, lá estão eles – os números –, frios, estáticos, sem cores, sem histórias, sem lembranças, sem músicas, sem poesias e sem amores. Todavia, de pessoas que se foram e viveram amores, cantaram, escreveram poesias e declamaram versos; deixaram filhos, pais e mães em cujos olhos continuam jorrando oceanos de saudade. Saudade, essa palavra dos dicionários de língua portuguesa e das emoções que nós brasileiros conhecemos bem. E por mais que se tente desviar os olhos dos números

nos jornais em busca de uma crônica de Rubem Braga ou uma estrofe de Drummond, eles insistem em quantificar os mortos do Brasil.

Os mortos do Brasil pela Covid-19, abaixo estão eles quantificados, cronometrados por minutos e até competitivos e recordistas: “Brasil bate recorde de novas mortes e total de óbitos passa de 30 mil” [Folha de S. Paulo, 02/06/2020]; “Com 1.473 mortes registradas em 24h, país passa Itália e supera 34 mil óbitos” [Folha de S. Paulo, 04/06/2020]; “Acidente de trânsito, 1 morte a cada cerca de 17 minutos; câncer, 1 morte a cada cerca de 3 minutos; doenças cardiovasculares, 1 morte a cada cerca de 2 minutos; Covid-19, 1 morte por minuto” [Folha de S. Paulo, 04/06/2020]; “Brasil ultrapassa 40 mil mortos por Covid-19” [Folha de S. Paulo, 11/06/2020].

Os mortos do Brasil são tantos que até os números parecem soluçar de tristeza e cansaço. Mas não se pode esquecer que em cada um deles lá está – mesmo que aparentemente sombreada – a assinatura do Estado e do Governo brasileiros. Cúmplices do desastre da disseminação descontrolada da Covid-19 no território brasileiro; cúmplices das grandes empresas, dos bancos e dos bilionários do país que continuam

lucrando. Há, portanto, na crescente estatística dos mortos do Brasil, a rubrica desses mercadores da morte, perspicazes como a “máphia” descrita por José Saramago no livro *As intermitências da morte*. Logo, se é para manter os lucros, por distintos malabarismos autoritários com deliberação presidencial, os membros da “máphia” tentam até nublar os números dos mortos do Brasil. Escondê-los “para o bem do país”, chega a dizer o chefe da “máphia”.

Ainda assim, por distintos veículos de comunicação, os mortos do Brasil continuam contados, publicados em folhetins estatísticos, transformados em números e nomeados conforme a doença Covid-19. Diante da insistência crescente dos números dos mortos do Brasil, apresentamos uma ideia: tornar o *Diário Oficial da União* um Diário Biográfico Oficial dos Mortos do Brasil. Nele, cada morto por Covid-19 do Brasil, seu nome, sua história e até seus sonhos se converterão em matéria pública de interesse nacional. Nas publicações diárias, no lugar de listas numéricas, leis, decretos, contratos, editais..., o leitor identificará histórias biografadas, poesias em prosa ou versos, dedicações de saudade, amizade, amor e solidariedade. Em uma das páginas haverá

CRÔNICAS *litero*-GEOGRÁFICAS

fotografias de mãos que tatearam em vida as artesanias do trabalho e do carinho.

No Diário Biográfico Oficial dos Mortos do Brasil, milhares de páginas minuciarão densas trajetórias de vida. Para o preenchimento dessas páginas, cada escritor será convocado por decreto solidário. E por intermédio de seu belo ofício, transformará as histórias dos mortos do Brasil em crônicas exuberantes.

Os músicos também serão convocados por decreto solidário, e a eles será incumbida a tarefa de compor melodias que serão transmitidas em todas as rádios do país. Os jornalistas usarão seus expedientes diários e lerão ao vivo, para conhecimento de todos os brasileiros, as crônicas das vidas anônimas que se tornam mortes anônimas ou estatísticas. É, assim, contra as vidas anônimas que se tornam mortes anônimas que as desigualdades sociais serão extintas e o analfabetismo também será eliminado do país. Todos terão direito a viver e a morrer com dignidade e todos terão direito a ler as biografias das vidas que embarcaram, sem retorno, no trem para um país desconhecido.

Com efeito, todos constatarão que pessoas não são números, pessoas são músicas de todos os estilos

Ricardo Assis Gonçalves

e que provocam choros, sorrisos e danças em distintos ritmos; pessoas são poemas escritos em versos e estrofes rimados no calor dos abraços da mãe; pessoas são florestas de criatividade; pessoas são bibliotecas com milhões de livros preenchidos com biografias trágicas, dolorosas, alegres e românticas; pessoas são estações de primaveras, nas quais floresce em solo fértil, a amizade, a solidariedade, a coragem, a indignação e a luta contra os que vilipendiam as trabalhadoras e os trabalhadores.

Finalmente, todos descobrirão que os mortos do Brasil não são “números e nomes de doenças”, como disse o grande cronista Rubem Braga; são pessoas que, ao morrerem por Covid-19, deixaram o país e a humanidade menores, pois são irmãs e irmãos que partiram.

Junho, 2020



A VILA DOS CONFINS E A PANDEMIA

V*ila dos Confins* é o título de um livro de grande vulto na literatura regional mineira, escrito por Mário Palmério (1916-1996) e publicado em 1956. Na narrativa, Vila dos Confins é um lugarejo do sertão de Minas Gerais definido como espaço ficcional das peripécias de uma eleição política intoxicada por corrupção, fraudes generalizadas e opressão de coronéis contra os sujeitos locais.

Mário Palmério fez da Vila uma metáfora universal do modo como se praticava política nos rincões profundos – e ainda se pratica mesmo nos centros hegemônicos, copiosamente corruptos – do Brasil. Além do conteúdo político enredado no livro,

na Vila dos Confins arvoram-se tipos humanos diversos, contadores de causos, garimpeiros, pescadores, agregados, peões e sertanejos. Um universo indômito e ao mesmo tempo belo, simples e poético. Vastos chapadões, rios, veredas, matas e bichos compondo uma paisagem singular na qual transitam homens e mulheres do sertão. Um território onde os eventos da vida são miúdos e acontecem no rés do chão.

Contudo, Vila dos Confins é também uma metáfora usada neste texto para falar de Santa Rosa dos Dourados – ou, simplesmente, Santa Rosa – um distrito povoado por cerca de quatrocentas pessoas, localizado no município de Coromandel (MG), mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Tomar Santa Rosa por Vila dos Confins é possível devido à aproximação inventiva desse mundo da ficção com esse lugar do longínquo interior mineiro, provavelmente desconhecido por praticamente todos os leitores desta crônica.

Foi em Santa Rosa, no dilatado estado de Minas Gerais, que vivi até a idade de 15 anos. Uma parte de minha família ainda vive ali. É o lugar no qual costume passar as férias de julho ou de fim de ano. Nesse Distrito, os tipos populares locais, as práticas

CRÔNICAS *litero*-GEOGRÁFICAS

culturais tecidas pelos linguajares, a culinária, o trabalho, as festas religiosas e as relações de vizinhança compõem um território único e ao mesmo tempo universal; assim como as desigualdades na distribuição de terras, os dramas humanos, as angústias, os sonhos e o ambiente comunitário.

Nas tardes desses gerais interioranos, em Santa Rosa o sol toca com raios de ouro as costas das serras debruçadas nos horizontes. Nas noites, estrelas bordam o céu enquanto as fases da lua ainda dizem do tempo de chuva, de plantio e de colheita das roças camponesas. Assim, se romanceado, desse diminuto vilarejo desfraldariam também histórias extraordinárias como na Macondo narrada por Gabriel García Márquez em *Cem anos de solidão*.

Estive em Santa Rosa no final de janeiro de 2020, cerca de um mês antes do início da Pandemia da Covid-19 no Brasil. Nos dias na Vila, um dos lugares que frequentei de maneira diuturna foi a “Venda da Maria”, localizada na praça central. Na Venda da Maria se vende desde doses de uma legítima cachaça mineira a verduras, pares de botina e botijões de gás. Todavia, além de comércio local, a venda é um lugar de encontros entre parentes,

amigos e vizinhos. Nos finais de semana, por exemplo, a reunião de pessoas que vivem em propriedades rurais do entorno da Vila não ocorre só para as compras. Nesse estabelecimento elas reencontram amigos, jogam baralho, fazem negócios e contam causos. Ainda tem a assiduidade de frequentadores como o Gaspazão, o Waguinho, a Maria Chiquinha, o Evandro e o Jairinho.

Tenho relutância em imaginar a Venda da Maria sem a presença alvissareira desses sujeitos; sem a altivez do Gaspazão ao narrar seus ofícios meticulosos de trabalhador rural; sem as estórias mirabolantes do Waguinho, do Evandro e da Maria Chiquinha; sem a gentileza espontânea do Jairinho todas as vezes que nos encontramos. São sujeitos raros, de mãos, rosto e existência urdidos no trabalho rígido; pessoas de gestos simples e de humanidade vultosos, encontradas no vasto interior do país, que tornam o mundo – ou Santa Rosa e a Venda da Maria –, mais denso e belo.

Todavia, esse universo prosaico transformou-se nos últimos meses. Quando converso por telefone com minha mãe, com frequência pergunto sobre as pessoas conhecidas e as mudanças no lugar devido

à Pandemia da Covid-19. Desde que a pandemia foi agravada no Brasil e as regras de distanciamento social foram acentuadas, o cotidiano e a sociabilidade em Santa Rosa e na Venda não são mais os mesmos. O medo chegou antes do vírus no distrito e, por isso, as pessoas saem pouco de suas casas. É raro ver o Sinvaldo, um senhor conhecido e que praticamente toda noite ficava de remanso em um dos bancos da praça. O Gaspazão sai de casa de maneira fortuita, senta por alguns minutos no banco sombreado por uma gameleira e, resabiado, observa de longe algum conhecido transitar na rua.

Eventualmente a Maria Chiquinha desfila com seus netos na praça central da Vila. Na Venda da Maria, os dias fluem sem movimento e reunião de pessoas. Diante disso, não só as vendas caíram, mas mudou-se a atmosfera dos causos intermináveis, quando velhos amigos se encontravam; o vazio de pessoas provoca um vão de acontecimentos, narrativas e experiências humanas. Não se ouve mais as invencionices populares que giravam diante do balcão de vendas. E nem mesmo o Jairinho aparece nas manhãs para inaugurar os dias com seu sorriso obsequioso. Finalmente, assim como a Vila

Ricardo Assis Gonçalves

dos Confins narrada no romance de Mário Palmério demonstra as especificidades e universalidades dos sujeitos, da cultura e da política nos abscônditos sertões, no distrito de Santa Rosa – e na Venda da Maria –, homens e mulheres experimentados na vida dura do interior, inseridos em realidades de profundas desigualdades, alardeiam com suas histórias, alegrias, angústias e sonhos.

Mas a Pandemia da Covid-19, esse evento global e de distintas implicações nos lugares e nas classes sociais, além de agravar as já mirradas economias locais, reduz o fabuloso encontro das experiências humanas. Por isso, falar de Santa Rosa e de sua gente é agir para que essa Vila dos Confins não seja olvidada; para que esse pequenino lugar do desmesurado território brasileiro não seja esquecido, especialmente em um momento no qual o país naufraga nas aventuras de um governo cúmplice da tragédia da Pandemia.

Julho, 2020



ANA GRANDE

“As pessoas não morrem, ficam encantadas”
(GUIMARÃES ROSA)

Ana nasceu e viveu numa única casa. Seu mundo era seu quintal. Quando saía dele caminhava com sandálias puídas nos trilheiros poeirentos do chão vermelho. De longe viam-se seus passos vagarosos enquanto carregava água no pote para jogar no pé da cruz e clamar por chuvas.

Sabia das velhas rezas cantadas por seus antepassados nos tempos severos de seca. Com sua cor indígena, pele salpicada pelo sol, cabelos negros, soltos e esvoaçantes, olhos castanhos, olhar contraído e duro, jeito alegre e tímido, Ana se dispunha ao mundo rural de Coromandel, Minas Gerais. Ana nunca viajou além de sua comunidade. Não

Ricardo Assis Gonçalves

conheceu cidades e países. Não aprendeu outras línguas nem precisou mais do que de poucas palavras para viver e comunicar-se com as pessoas de seu universo real e maravilhoso. As palavras trabalho e suor eram gastas e estampadas em suas mãos calejadas. Nem tudo em seu universo de maravilhamento era compatível com sua alegria. Sua comunidade era rodeada de meeiros, trabalhadores pobres, gente mirrada pelo trabalho inclemente nas fazendas de gado ou nos cafezais. Ela mesma foi uma das trabalhadoras pobres em terras alheias nas colheitas de café, exploradas por estrategismos de fazendeiros ao modo de coronéis. O seu rosto desfraldava a história agrária desigual do Brasil.

Ana não pisou na areia do mar, nem conheceu os grandes rios do Brasil. Porém, em seu quintal existia um rego d'água. Esse rego era seu mar e seu rio. Próxima da água era feliz. Do rego usava a água para limpeza de roupas e da casa; irrigava as plantas da horta e saciava a sede dos animais domésticos. Desse miúdo canal, piabinhas saltitavam como peixes graúdos aos olhos dos meninos que visitavam seu quintal.

CRÔNICAS *litero*-GEOGRÁFICAS

No mundo do quintal de Ana, as flores vermelhas e amarelas pareciam perenes. Nele também existiam imensas mangueiras, pés de abacate, laranjas da ilha e mexericas ao alcance das mãos da meninada da comunidade. As frutas eram dádivas gratuitas em um continente de solidariedade e vizinhança. Quando a Ana visitava algum vizinho, enchia a sacola de frutas e distribuía o presente na mesma medida de sua generosidade. Ana viveu para amar, distribuir bondade e repartir simplicidade. Diz-se que perdeu o pai quando ainda era menina. Ela e os irmãos cresceram órfãos do pai, mas providos do amor da mãe Rita. Com o inabalável passar dos anos, restou apenas Ana, a mãe Rita e o irmão Roberto na casa e no imenso quintal.

Ana e Rita, mãe e filha tornaram-se partícipes dos acontecimentos distraídos do interior. No mundo do quintal as duas brincavam, sorriam, recebiam sobrinhos, netos e afilhados; cultivavam frutos e cuidavam do terreiro como zelavam da cozinha. Na casa rural o terreiro era a extensão da cozinha e da sala. Nele as crianças brincavam, os foliões de reis cantarolavam, os grãos minguidos de arroz, café e feijão secavam expostos ao sol ardente do sertão. Em linguagem atual

Ricardo Assis Gonçalves

pode-se dizer que o terreiro era um território no qual o sol despejava o seu idioma de luz durante o dia. E à noite a lua e as estrelas chamavam os roceiros para o maravilhamento. No terreiro o firmamento tornava-se concreto, o universo dançava soberano sobre a trilha de rotação e translação da Terra.

Rita envelheceu com os anos, mas parecia uma criança pequenina. Testemunhar seu sorriso era como desatar uma bela manhã de sol ou chuva no interior de Minas Gerais. Quando a mãe Rita morreu, morreu também uma parte da filha Ana. Ana que nasceu para amar, chorava pela mãe todos os dias. Da janela de sua casa, com paredes de adobes, observava a lua cheia derramada no céu enquanto seus olhos lacrimejavam de saudade da mãe.

Ana continuava em seu mundo de plantas, bichos, frutos e noites desabrochadas de estrelas na Comunidade de Brejo Grande. No miudinho dos dias aspirava calma sua partida. E assim foi! Propaga-se que Ana ausentou-se tranquila e com a feição alegre, pois aguardava o encontro com a mãe Rita. Ana não morreu, ficou encantada.

Agosto, 2022



O QUINTAL DE ROSA

Rosa era uma mulher da roça mineira. Suas prendas eram tão simples quanto o seu rosto, seus cabelos brancos, suas mãos calosas, seus pés descalços e suas roupas de algodão. Rosa não aprendeu a ler, mas escrevia o nome com letras miúdas. Conta-se que ela e os irmãos escreviam com letras torneadas, como se todos tivessem aprendido a mesma forma do nome. Por não saber ler, dizia que apenas desenhava. Sua portentosa inteligência era admirada quando relatava o dia e ano de aniversário de todos os irmãos e sobrinhos. No seu rosto estendia-se a expressão da simplicidade e da generosidade de uma mulher guardiã de tempos ancestrais da cultura sertaneja.

Ricardo Assis Gonçalves

As rezas antigas que aprendeu com a avó benzeira eram entoadas todas as noites e manhãs. Nos tempos de trovoadas, cantarolava com os irmãos a oração de Santa Bárbara para abrandar as chuvaradas. Essa simples mulher era conhecedora das árvores do Cerrado que circundavam sua casa de adobes, telhas, portas e janelas artesanais. Contudo, no lugar dessa laboriosa filha do sertão havia algo singular, o seu quintal. O quintal era um documento do mundo rural. Era um território plural, com distintos significados, que denotavam sua afinidade com a cultura e o trabalho camponeses no sertão mineiro. O quintal de Rosa era o território da diversidade.

Naquele pedaço especial de terra havia árvores frutíferas, plantas medicinais, moitas de cana-caiana de colmos arroxeados, bananeiras, flores sempre-lustrosas, rosas dália amarelas e vermelhas, nascentes e um rego d'água com uma bica perene, mesmo nos meses severos de seca. As imensas mangueiras, goibeiras, abacateiros, laranjeiras, cajueiros, coqueiros e bananeiras se multiplicavam de um lado e outro do terreiro e do rego d'água. No período frutífero das laranjeiras, o quintal era o terreno da alegria das crianças, dos vizinhos e dos pássaros. Os sabiás,

CRÔNICAS *litero*-GEOGRÁFICAS

guaxes, tucanos, periquitos e juritis faziam revoadas diárias, imiscuídos entre as folhagens e frutos. As laranjas se multiplicavam nos galhos escorados com varas de bambu ou se arrastavam no chão vermelho e fértil.

As frutas eram as dádivas naturais coletadas por todos. A abundância de plantas, água, animais e pássaros sintetizava um mundo de cores, cheiros e sabores. A poucos passos do terreiro era possível coletar erva-cidreira, hortelã, mentrasto, boldo, erva santa-maria, erva-doce e folhas de canela. Nos meses de junho e julho podia-se colher os grãos de café que eram secados, pilados, torrados e moídos por Rosa. No seu terreiro extenso e limpo diariamente estendiam-se os grãos de café, mamona e raízes de açafraão, recolhidas em alguma horta daquele pomar.

A diversidade do quintal de Rosa era a antítese das monoculturas transgênicas que se expandem nos territórios do Cerrado. Apropriado pelo modelo econômico predatório territorializado na agricultura, na mineração e no turismo, o Cerrado está cindido pelos desmatamentos, usos de agrotóxicos, erosão dos solos, envenenamento dos rios e das águas subterrâneas. Os bens comuns do Cerrado

Ricardo Assis Gonçalves

tornaram-se uma das principais fontes de potenciais lucros das corporações internacionais. Por isso, o capital extrativo global alarga as fronteiras de cercamento e de transformação de frutos, águas, solos, matas e minérios em mercadorias.

Contra esse modelo, o quintal de Rosa era o território do cuidado e do trabalho cotidiano. Todos os dias, antes do sol desabrochar as manhãs do sertão, essa laboriosa mulher levantava, preparava o café na foinalha a lenha e iniciava sua lida diária. Seu cotidiano de trabalho não ultrapassava as cercas de seu quintal. Suas tarefas habituais envolviam o trato dos animais domésticos, o cuidado com as plantas, a irrigação das flores e a limpeza minuciosa do terreiro.

Rosa gostava de plantar. Suas mãos tocavam a terra para multiplicar as sementes de feijão e milho nos meses de setembro e outubro, quando iniciavam as primeiras chuvas. Do paiol, localizado na entrada principal do quintal, ela e os irmãos armazenavam as espigas de milho, as abóboras coletadas para alimentar os porcos, o pilão de arroz e café, as lenhas da foinalha, os tachos de cobre, as rodas de fiar algodão, os sacos de arroz e de feijão.

Cuidar do terreiro que rodeava toda a casa requirava uma atenção amiúde e esmerada. Com seus braços pequeninos agarrados em vassouras de palha, varria esse espaço do quintal com devoção. No chão pisado do terreiro havia muitas histórias da avó, do pai, da mãe e dos irmãos trabalhadores rurais. Abri-gava lembranças ancestrais. Na casa camponesa a cozinha e a sala se estendiam de encontro ao terreiro. Era nele que as crianças brincavam, as visitas se aproximavam da casa e os trabalhadores espalhavam os forros de sacos emendados para a secagem de grãos de arroz, feijão e café. Era um lugar com sentido prático e coletivo no interior do quintal.

No terreiro, durante as noites, os camponeses se reuniam para admirar as estrelas e a lua que medrava seu brilho e despertava o deslumbramento espontâneo diante daquela beleza incompreendida e infinita. O fato do quintal de Rosa ser o território do cuidado cotidiano contrapõe-se à lógica do consumo, dos barulhos intrépidos de carros, da exploração do trabalho, da subjetivação neoliberal, das relações feridas e narcísicas que vicejam nas metrópoles. Difere do mundo de fluxos rápidos, babel de imagens e palavras, sirenes de ambulâncias, de

trabalhadores acidentados e adoecidos em troca de baixos salários, de crianças fechadas em condomínios e apartamentos, medos de violência policial, arranha-céus à base de aço e concreto, pessoas sem casa e sem comida nas ruas e praças.

O quintal de Rosa era o território da sabedoria camponesa. Rosa foi uma mulher que aprendeu a fazer tudo o que tornava possível a reprodução da existência no sertão. Ainda pequenina aprendeu com a avó e a mãe como preparar o sabão de coco ou de abacate que era armazenado para o uso no decorrer de todo um ano. Ela mesma arrancava, limpava, cortava, secava, moía e preparava o açafraão para o uso da família. Plantava e colhia o algodão que ela fiava com maestria e paciência. Também, com zelo, sabia fazer o azeite de mamona coletada no quintal. Sua sabedoria camponesa lhe permitia detalhar como preparava o azeite de mamona, sugerido para aplicar nas feridas. Primeiro, coletava os cachos de mamona e punha no terreiro para secar expostos ao sol; depois abanava nas peneiras feitas de bambu; torrava os grãos da mamona na fornalha a lenha; esmagava no pilão, ferventava a massa e, finalmente, apurava o azeite. Rosa conhecia a origem

de tudo o que ela comia e bebia. Vendia apenas o que sobrava e ganhava quantias miúdas de dinheiro até que se aposentou.

Rosa e seu quintal não existem mais. Viveu quase oitenta anos entre plantas, frutos, ervas medicinais, flores, animais e pássaros. Para essa mulher camponesa do Cerrado mineiro, o quintal era a expressão de seu rosto e de sua vida simples. O jorro de sua existência generosa representou o sertão inteiro.

Outubro, 2022



JOSÉ E OS LIVROS DE GEOGRAFIA

A infância é matéria literária e fonte primordial de narrativas de poetas e cronistas. O olhar infantil requisita a novidade, o espanto e a sensibilidade, como demonstra o escritor Alan Machado em seu *Bestiário de infância e outras traquinices*. Na infância encontram-se as paisagens, os lugares e os sujeitos que compõem lembranças e mares sentimentais alagados no decorrer dos nossos anos de vida. O quintal diverso de plantas e bichos, as algazarras de pássaros nos galhos e folhas das imensas mangueiras e macaúbas, as rezas ancestrais da avó e os causos do avô, os córregos, regos e bicas d'águas, os sonhos mirabolantes de garimpeiros e o

trabalho intrépido de camponeses explorados por latifundiários. Tudo se transforma em possibilidade de significações por meio de narrativas que nos aproximam desse tempo primário da existência.

Quando criança, no meu povoado, interior de Minas Gerais, tive um vizinho conhecido por todos como José da Iolanda. Nesse lugar miúdo não há desconhecidos e por lá é tradição prosaica a pessoa ser chamada pelo nome acompanhado do prenome da mãe, como Ronaldo da Fátima, Rodrigo da Dora, João Paulo da Tida, Brás da Geralda e Rosana da Tina. Poucos conheceram Iolanda, mãe de José. Dizem que morreu jovem e deixou os filhos meninos na comunidade local, onde cresceram misturados a parentes e amigos. Coisas ignoradas nos dicionários e enciclopédias.

Entre o amontoado de poucas casas, ruas e gente, a fama de José de Iolanda corria devido ao seu ofício de pedreiro. Percorria ruas e estradas com a caixa de ferramentas amarrada na garupa de uma bicicleta velha. Guardava trena, esquadro, martelo, talhadeira, colher, desempenadeira, prumos e níveis. Imiscuído na mesma caixa, em meio a esses apetrechos, transportava de trabalho em trabalho um

livro de Geografia surrado de tanto ser folheado. As mãos desse trabalhador lidavam com tijolos, telhas, cimento, cascalho e livros.

Vi José da Iolanda pela primeira vez quando me mudei da fazenda da Serra, na qual meu avô e minha avó eram agregados, para o distrito de Santa Rosa dos Dourados. Meu avô comprou dele o lote para construir a casa onde morei com minha avó no decorrer dos primeiros anos do ensino fundamental numa escola com nome de coronel. Apenas uma cerca de tela dividia as casas e os quintais. Naquele tempo, no lar desse vizinho havia meninos, quintal com mamoeiros e jabuticabeiras, comida farta na cozinha e livros de Geografia na estante da sala. Coisa rara naquele lugar de muitos trabalhadores e trabalhadoras analfabetos, a casa de José da Iolanda tinha um armário com livros expostos aos curiosos. Esse homem simples era um colecionador de livros de Geografia.

A despeito de frequentar pouco a escola quando foi criança, aprendeu a ler e tornou-se mestre não apenas de obras, como também de palavras, paisagens e mapas. Detalhava as legendas dos mapas e por meio da escala calculava a distância entre

idades, países e continentes. Explicava para os filhos e a todos que o visitavam a origem da Terra, fundamentado em teorias científicas como a de uma grande explosão ocorrida há mais de quatro bilhões de anos.

Dizia ainda que no interior da Terra existe magma fervente a uma temperatura jamais suportada por humanos, plantas e bichos. Em suas narrativas destacava que nosso Planeta era arredondado e girava ao redor do Sol a uma velocidade de mais de 100 mil km/h. Numa localidade com primazia do imaginário religioso, para algumas pessoas as histórias contadas por esse sujeito excêntrico eram consideradas ultrajantes e profanas. Afinal, nada daquilo condizia com o que estava escrito na *Bíblia*, único livro que os demais moradores conheciam.

José da Iolanda viveu sem nunca viajar a lugares que ultrapassassem 100 km de distância de onde nasceu e morou. Suas viagens mais longas só eram possíveis através da fantasia despertada pelas paisagens, mapas e textos contidos nos livros. Estendia um mapa-múndi puído em sua mesa no centro da cozinha e chamava os filhos e amigos para conhecerem capitais, continentes, ilhas, mares, oceanos e

países. Com o dedo indicador esticado e em movimento, convidava todos a atravessarem o canal de Suez, entre o mar Mediterrâneo e o mar de Suez; a visitarem as pirâmides do Egito, enquanto interrogava as técnicas de engenharia que permitiram erguê-las; a nadarem no rio mais longo do mundo, o rio Nilo; a caminharem nas muralhas da China; a mergulharem nas águas azuis do mar do Caribe; a pisarem nas geleiras da Antártida e mirarem a beleza da maior ave da família de pinguins, o pinguim imperador; a observarem a fronteira entre o México e os Estados Unidos ou a imensa mancha verde da Amazônia estendida em regiões do Brasil, do Equador, do Peru, da Venezuela e da Colômbia. Seu gesto provocava a imaginação da criançada inquieta.

Passados alguns anos depois que me mudei da comunidade de Santa Rosa, soube que José ficou sozinho, sobrou apenas na companhia dos livros de Geografia e da Iolanda do nome. Só a do nome, pois nem mesmo conheceu a Yolanda da letra de música do artista cubano Pablo Milanés; ou a Iolanda da letra de música do artista brasileiro Chico Buarque. A esposa e os filhos deixaram o lugar e se mudaram

para uma cidade que o colecionador de livros só sabia identificar nos mapas.

O jardim frontal da casa foi coberto por um muro de tijolos. As rosas vermelhas e amarelas desapareceram. O admirador dos saberes geográficos dispostos nos livros insuflou-se na solidão, entregou-se ao alcoolismo, tornou-se agricultor de memórias e pedreiro de sonhos. Passava meses sem cortar o cabelo e a barba, como se fosse um navegante à procura de ilhas e terras inóspitas. Sempre tive dúvidas se o fato de José gostar de Geografia era um amor expressivo e fundo pela terra e pelo ambiente onde viveu, ou se era uma vontade não concebida em palavras de conhecer o mundo, de conhecer a África e a Ásia, de atravessar os mares e oceanos, de viver entre povos e culturas desconhecidos.

Sou geógrafo e acredito que talvez o nosso grande dever seja olhar as marcas sobre a terra, o modo como a terra, as águas e as florestas são usadas para a riqueza e não para a vida e o acesso livre aos bens comuns. Hoje sou doutor em Geografia, mas as primícias dos saberes geográficos aprendi com um pedreiro. Esse personagem de minha infância partiu em sua última viagem ao desconhecido e deixou

Ricardo Assis Gonçalves

a lição de que ao abrimos um livro de Geografia somos convidados à imaginação inaugural de uma criança diante das coisas do mundo.

Dezembro, 2022



VENDAS DE MINAS

As vendas, na alma popular do interior de Minas Gerais, são toldadas de mistérios, histórias, encontros e funções práticas. São locais onde se compram alimentos, bebidas, calçados e ferramentas de trabalho. Nelas, o balcão transforma-se no púlpito de roceiros e contadores de causos. Meu primeiro contato com as vendas aconteceu quando era criança e morava no distrito de Santa Rosa, localizado no espaço rural do município de Coromandel (MG). Nesse lugar, a vida, o trabalho, as festas e demais sociabilidades cotidianas ocorriam ao rés do chão.

Diz-se que Santa Rosa surgiu a partir de uma cruz e posterior igreja construídas por roceiros.

Na paisagem poeirenta e insípida, os primeiros ranchos com moradores apareceram há quase 200 anos. Com isso, emendaram a assomar habitantes que constituíram um universo sertanejo nas terras mineiras. Hoje essa comunidade é espremida pelas propriedades rurais que alargaram e esticaram as cercas e criaram uma estrutura fundiária desigual. Poucas famílias se agarraram às heranças e as terras permaneceram concentradas. A fitofisionomia diversa do Cerrado, outrora repleta de árvores frutíferas e revoadas de pássaros, que faziam a alegria da meninada descalça e peralta, foi substituída por monoculturas de café e soja.

No povoado, as casas simples exibem os quintais imensos, nos quais os galhos de mangueiras e abacateiros se abraçam carregados de folhagens e frutos. Na história e no cotidiano desse lugar miúdo se destacam quatro vendas, todas situadas no entorno da única praça, centro do aglomerado de habitações: a venda do Tônico, a venda do Chiquim, a venda do Odair e a venda da Maria.

A venda do Tônico era a mais antiga. O vendedor foi um homem de tempos remotos, comerciante e dono de muita terra e gado. Sua venda

existiu em um casarão construído de adobe, com janelas e portas de madeira pintadas de verde. Na parte interna, o assoalho, o balcão e as prateleiras eram feitos de tábuas de aroeira. Para os meninos, debaixo do assoalho continha riqueza de moedas que caíam pelas frinchas. Havia uma mesa com balança filizola antiga na qual o peso era conferido de um lado e outro. No mesmo local tinha um globo terrestre exposto aos deslumbramentos da freguesia. Frente ao balcão, em um banco comprido, alguns trabalhadores, agregados, homens do campo e crianças, sentavam e demoravam à espreita de histórias e causos do mundo rural.

Na venda do Tónico mercava-se feijão, açúcar, café torrado, arroz, cachaça, enxada, corda, fumo de rolo, botina, bala Chita, pirulito e Guaraná Mineiro. Era comum a compra a prazo ou em troca de dias de serviço. Tónico era fazendeiro e demandava o batente dos trabalhadores para o plantio e capina de roças, para a colheita de café e a limpeza das pastagens do gado. Trocavam-se botijões de gás, mantimentos e pares de botinas por dias de trabalho que pareciam infinitos. A assiduidade dos frequentadores era dominada por homens experimentados

Ricardo Assis Gonçalves

na lida grosseira do trabalho manual. Gente que possuía as marcas do sol diário na pele crestada. Velhos que, para comer, tinham que trabalhar sob o arrocho dos patrões.

Qualquer passeio no arraial nos convidava a entrar em uma das vendas como a do Chiquim. O nome da venda faz referência ao modo como as pessoas do lugar chamavam o vendeiro. Chiquim era um senhor branco e alto, de fala serena e poucas palavras; usava óculos e possuía cabelos ralos. Atendia aos clientes com a calma e o tempo das coisas singelas do sertão. De todas as vendas de Santa Rosa, a do Chiquim era a única que ostentava um balcão de tijolos e cimento, onde ficavam a balança e os rolos de papel para embrulhar as mercadorias. Os trabalhadores do campo, aos finais de semana, chegavam, entravam, escoravam nesse balcão e permaneciam horas conversando com o vendeiro ou com os parentes e conhecidos.

A venda do Chiquim parecia um espaço pertencente apenas aos adultos que consumiam pinga, tomavam cerveja, faziam negócios, combinavam empreitas e contavam histórias de gente grande. Um detalhe impressionante era a quantidade de litros

de bebidas alcoólicas nas prateleiras: Cachaça 51, Jurubeba, Martíni, conhaques Presidente e Domus, licores e cervejas engarrafadas. Como nos demais estabelecimentos, havia sardinha enlatada, gás de lampião, extrato de tomate, cabos de enxada, anzóis e linhas de pesca; pacotes de macarrão, farinha e arroz. A venda do Chiquim está em minhas lembranças como um continente de gente, histórias, cores e gestos. Quando o Chiquim morreu, morreu com ele parte desse mundo do sertão mineiro que vivi na infância.

A venda do Odair foi fechada. Do outro lado do balcão de aço e vidro parecia existir um universo enigmático de quinquilharias que desconhecíamos. Quando os fregueses apareciam para fazer compras, o vendeiro entrava por uma porta que dava acesso a outros cômodos e retornava com as mercadorias. Na imaginação das crianças, o interior da venda era um esconderijo de tesouro de doces, paçoquinhas, brinquedos, balas e guaranáis.

Os cachorros e gatos de rua eram acolhidos e alimentados na venda do Odair. Lembro-me de ir à venda e deparar com gatos dorminhocos nas mesas de sinuca e turmas de cachorros deitados debaixo

das cadeiras ao lado do balcão. Quando o vendeiro caminhava na praça e ruas de Santa Rosa, os cães o acompanhavam enfileirados e solenes

Odair era reconhecido no povoado como homem desassombrado. Quando as matas predominavam nas paisagens das cercanias de Santa Rosa, corriam os causos de onças que punham em risco bichos domésticos e pessoas. Conta-se na Comunidade que certo dia o homem da venda foi acuado por uma dessas feras no quintal de um vizinho. Empunhou nas mãos um laço, amarrou a onça amarela e aguardou sozinho a chegada dos companheiros para levarem-na presa em uma carroça puxada a cavalo para longe. Cada pessoa do lugar contava uma versão desse fato. Bastavam reunir para a venda do Odair tornar-se reino das histórias mirabolantes, oráculo das fantasias em torno do provecto comerciante.

A venda da Maria localiza-se em uma das casas mais antigas do distrito. A construção de mais de 100 anos possui telhados coloniais, paredes de adobes artesanais, portas e janelas de madeira, pintadas de azul. Diz-se que no passado serviu como ponto de mercancia de tecidos, farmácia e casa veterinária. Mas como venda é a mais recente da praça,

funciona há menos de três décadas, e transformou-se no ponto de encontro do povo que vive no distrito e nas fazendas do entorno.

A venda localiza-se em frente à igreja. Por isso, em dias de missas e festas religiosas, o comércio torna-se o território vital de concentração dos compadres, catireiros, amigos, cachaceiros e conhecidos de perto e de longe. Depois da missa e dos sermões costumeiros do padre, tomar doses de pinga na venda da Maria faz parte da purificação do espírito e da celebração terrena da vida. Alguns encostam no balcão, pedem uma, duas, três doses, distribuem entre os companheiros e iniciam a contação de causos como se habitassem o terreno da fantasia. Também aproveitam para fazer negócios e combinar empleitas de serviços rústicos e antigos como bateção de pasto, reparo de cercas, capina de horta e limpeza de rego d'águas.

Os tipos populares de Santa Rosa frequentam a venda da Maria. Jairinho é um deles. Passa o dia sentado próximo às prateleiras de todo tipo de produtos. Chega cedo para o café quente com pão-de-queijo gratuitos, fala baixinho e observa estreito cada conhecido que entra e sai. A alegria desse homenzinho é

Ricardo Assis Gonçalves

ser convidado para os passeios em festas de roça e cantorias de foliões que ainda existem na região.

Outro sujeito que povoa o lugar de graça é o Evandro. É na venda da Maria que ele compra a cachaça apurada. Após algumas doses, essa figura chistosa transforma-se no rei da palavra e do jogo de damas. Tem um léxico elegante e conversa emendado, gesticula os braços e narra parlengas diante dos demais bêbados reunidos à sombra de uma imensa gameleira da praça.

Era na venda da Maria que o João Limiro, após perambular cesteiro pelas ruas com seu violão Di Giorgio, inaugurava as manhãs de domingo com cantoria de músicas caipiras. Também era nela que o José da Iolanda parava para narrar suas curiosidades de Geografia aos roceiros. Na mesma venda, o Zezão exibia suas invencionices em prosa inteligente.

Como se vê, as vendas são como paíóis de ermos tempos das coisas vivas e singelas do sertão. Nas vendas de Santa Rosa não existem apenas mercadorias, nelas encontramos as especiarias de saberes, gentes e causos de que Minas é guardião.

Setembro, 2023



GUELIM

Guelim nasceu das mãos de uma parteira. Como ele nasceram também seus nove irmãos. Foram crianças que vieram ao mundo à sombra de ranchos e casas simples do sertão mineiro. O primeiro choro de recém-nascido preencheu seu pulmão com uma rufada de ar impregnada pela fumaça de uma lamparina ao lado da cama. O pranto anunciou a presença da criança no lugarejo. Costume entre os sertanejos, soltaram foguetes e entoaram terços para abençoar a chegada do menino. Parentes, amigos e vizinhos festejaram seu nascimento ao toque do clarão da lua no terreiro.

Ricardo Assis Gonçalves

O garoto começou a crescer devagar. O nome Miguel transformou-se em apenas Guelim. Possuía olhos negros arregalados de alegria, estatura miúda e jeito traquino desde guri. Sua mãe, Braza, o observava saltitante no quintal. As manguieiras e abacateiros sombreavam as brincadeiras do miúdo. À medida que crescia, suas peraltices se estendiam no espaço da rua e nos campos de terra batida onde tornou-se conhecido por sua habilidade com a bola de futebol.

Guelim também era exímio observador de aves, sabia admirá-las dançarinas entre galhos e folhas. Tinha preferência pelos gorjeios dos bem-te-vis e os regorjeados das seriemas; pelas cores dos sabiás e pelos mistérios da alma-de-gato. Reunido com os irmãos, passava manhãs e tardes percorrendo os chapadões de Cerrado catando frutos de araticum, guabiroba e mangaba. Quando deparavam com a alma-de-gato, corriam imiscuídos entre as árvores à procura dos ninhos desse pássaro. Acreditavam nas histórias encantadas que povoavam a imaginação popular no sertão. Diziam que no ninho desse passarinho existiam ovos de ouro. Achá-los faria deles meninos ricos.

Guelim era filho de mãe e pai camponeses. Ele pertencia a uma geração de agregados e meeiros. Nas terras dos latifúndios existia um mundaréu desses trabalhadores arranchados e analfabetos. Enredado nesse mundo, o menino Miguel aprendeu mais sobre as labutas do trabalho do que a existência de escolas e das palavras escritas em livros. A escola da comunidade localizava-se em uma casa improvisada onde bácoros soltos perambulavam e grunhiam entre a meninada. Frequentou a escola e nela aprendeu a escrever o nome e a fazer cálculos práticos que passou a aplicar na lida nas roças, na soma dos dias de serviço e na repartição das colheitas.

Nos anos 1950, quando Guelim e os irmãos nasceram, o analfabetismo deixava mais da metade da população brasileira ao largo da leitura e da escrita. Ademais, isso existia em um período no qual mais de 60% da população vivia no campo. Analfabetismo e exploração se aliavam em um mundo rural desigual e injusto. Por isso, manter os trabalhadores sem terra e sem livros servia para salvaguardar o poder dos coronéis, conservar a concentração fundiária e a violência política, garantir o acesso

aos cartórios e aos registros de propriedades rurais por poucos espertalhões.

Diante do universo de mulheres e homens do interior de Minas, Miguel cresceu sem ler ou ouvir as interpretações acerca da origem e significado de seu nome. Teria sido surpreendente saber que o nome que ganhou de seus pais tem origem hebraica, vem de *Mikhael*, cuja junção de *mikhayáh* e *El* resulta em “quem é como Deus”. Desconheceu que Miguel foi o prenome do escritor espanhol que inaugurou o romance moderno com o clássico livro *Don Quijote de la Mancha*, publicado em 1605. A leitura teria mostrado a ele que Guimarães Rosa criou personagens com o nome de seu irmão no aumentativo e o seu no diminutivo, Manuelzão e Miguilim.

O mundo sem livros só não fazia parte do cotidiano do padre que celebrava as missas na antiga igreja da comunidade. O padre de batinas largas devido a sua estatura exagerada falava latim, cantarolava hinos com palavras desconhecidas e lia as epístolas de Paulo que falavam de amor. O povo admirava o sacerdote corpulento que era hospedado nas casas de fazendeiros e narrava para eles os temas das confissões dos roceiros. Nas celebrações,

bamboleava sua imensidão para incendiar a fé do povo, proibir as manifestações de congadas e mal-dizer as crendices do catolicismo de roça.

As festas de folia de reis, as fogueiras de São João, os batismos de fogueira, as congadas, as rezadas de terço nas casas de adobe e pau-a-pique de vizinhos, as benzeções e simpatias povoavam a existência cotidiana de Guelim. Na sua família havia uma linhagem de benzedeadas e sua mãe era uma delas. Braza recebia multidões de pessoas que pediam orações contra quebranto, mau-olhado, dor de cabeça, vento-virado e cobreiro. Esse continente de crenças e sabedorias populares preencheu toda a vida de Guelim. Ajudou-o a lidar com a morte do pai muito jovem e da mãe muitos anos depois, quando não o reconhecia mais devido à deterioração da memória.

Nos ermos de terras do sertão mineiro, essa criança sertaneja cresceu entre a gente determinada a trabalhar como meeira e agregada. Todos ouviam e acreditavam nas palavras do sacerdote de que a pobreza na terra seria recompensada pela riqueza no céu. O menino descobriu que o trabalho braçal começava cedo. Madrugava com o cacarejar dos bichos no terreiro, misturava-se entre os homens

Ricardo Assis Gonçalves

descalços e, enfileirados, pegava o trilheiro em direção aos arrozais em tempos de colheita. Nos longos meses chuvosos, entre outubro e janeiro, carpia roças com os irmãos e passava dias dormindo em ranchos distantes de casa.

O trabalho de colheita de arroz, feijão, milho e café; de capina de roças e quintais fez parte de toda a vida de Guelim. Nas beiras de córregos da comunidade, chegou a revirar cascalhos diamantíferos junto ao pai e aos tios garimpeiros. Mas não teve sorte no garimpo e abandonou essa faina medonha e anódina. Comprou uma carroça e, por muitos anos, fez carregamentos de lenha, móveis, esterco para hortas, sacos de milho e café de um lado a outro da comunidade. O tropel do cavalo arrastando a carroça nas ruas do distrito anunciava a peleja diária pela sobrevivência.

Os episódios da vida de Guelim sintetizam o enredo da existência das pessoas simples do sertão. A sucessão de acontecimentos que hastearam os anos da vida desse trabalhador de Minas desfila na minha lembrança desde quando fui seu vizinho e ouvia as histórias que ele e os irmãos me contavam.

Dizem que quando ele nasceu, das mãos da parteira, os pássaros que voavam entre as árvores do quintal cantaram toda uma semana. A linguagem dos sons das aves comemorava sua chegada ao mundo. Por sua vez, ao fim da vida, contam que Guelim foi acolhido pelas mãos solidárias de suas irmãs. No dia em que deixou o mundo, uma bâtega derramou na comunidade e os pássaros fizeram silêncio em despedida ao homem singelo que admirava suas revoadas bailarinas no céu.



REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Aziz N. *O que é ser geógrafo*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1966.
- AMADO, Jorge. *Tieta do Agreste*. Rio de Janeiro: Record, 1977.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ASSIS, Machado de. *O Alienista*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- BETTO, Frei. *Ofício de escrever*. Rio de Janeiro: Anfitatro, 2017.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BOSI, Alfredo. *Poesia como resposta à opressão*. 2003. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/poesia-como-resposta-a-opressao/>. Acesso em: 26 abr. 2023.
- BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas: as melhores de Rubem Braga*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- BUCCI, Eugênio. *A superindústria do imaginário*. São Paulo: Autêntica, 2021.
- CARROL, Lewis. *As aventuras de Alice no país das maravilhas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CRÔNICAS *litero*-GEOGRÁFICAS

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. Tradução. de Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Abril, 1978.

CHAVEIRO, Eguimar. F. Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. *Geograficidade*, v. 5, n. 1, 2015.

CORALINA, Cora. *A menina, o cofrinho e a vovó*. Rio de Janeiro: Global Editora, 2009.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

ECO, Umberto. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

FISHER, Max. *A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo*. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Todavia, 2023

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GONÇALVES, Ricardo Assis. *Onde você está nesta lama? Crônicas da mineração no Brasil*. Goiânia: Kelps, 2021.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.

LÊNIN, Vladimir. *O que fazer?* São Paulo: Boitempo, 2020.

LOURENÇO, Edival. *Naqueles morros, depois da chuva*. São Paulo: Hedra, 2011.

MACHADO, Alan Oliveira. *Bestiário de infância e outras traquinices*. Goiânia: Novo Tempo, 2001.

MANGUEL, Alberto. *Encaixotando minha biblioteca: uma elegia e dez digressões*. São Paulo: Edições Sesc, 2021.

Ricardo Assis Gonçalves

- MANGUEL, Alberto. *O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça*. São Paulo: Edições Sesc, 2017.
- MÁRQUEZ, Gabriel G. *Cem anos de solidão*. Tradução. E. Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- MÁRQUEZ, Gabriel G. *O amor nos tempos do cólera*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- MARX, K. *O capital*. 10. ed. São Paulo: Difel, 1985.
- MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Global Editora, 2009.
- MOREIRA, Ruy. *Para onde vai o pensamento geográfico?* São Paulo: Contexto, 2006.
- NASCENTE, Gabriel. *Inventário poético*. Goiânia: Kelps, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim falou Zaratustra*. Tradução Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- PALMÉRIO, Mário. *Vila dos Confins*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, Douglas. *A reinvenção do espaço*. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.
- SANTOS, Milton. *Por uma Geografia nova*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril, 1973.
- SILVA, Valéria Cristina da. *Em asas de borboletas... em bolhas de sabão*. São Paulo: Paulinas, 2019.

SOBRE O LIVRO

Formato: 13,5X21 cm
Tipologia: GoudyOlSt BT
Edição: Apoená Editorial

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS AO AUTOR.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
Br-153 – Quadra Área – CEP: 75.132-903 Fone: (62) 3328-4866 – Anápolis-GO
www.editora.ueg.br / e-mail: editora@ueg.br

2024

Impresso no Brasil / Printed in Brazil



Ricardo Assis Gonçalves,

muito cedo, descobriu a potência literária do sertão. Quando criança ouvia as histórias do avô Divino, dos camponeses e dos garimpeiros de Coromandel (MG). Mais tarde, o arsenal de narrativas da infância arvorou e com ele montou sua pedagogia criadora. Mas, a sua trajetória se estendeu para outros campos: possui doutorado em Geografia, é professor da Universidade Estadual de Goiás (UEG), coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO-UEG), Campus Cora Coralina, professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG), da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Porto Nacional. É membro do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (Icebe) e do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG). Pesquisador dos grupos de pesquisa e extensão Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS) e Espaço, Sujeito e Existência (Dona Alzira). Bolsista de Produtividade em Pesquisa (PQ-2) pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Neste oportuno livro, ao qual me coube a honra de apresentar, Ricardo Assis Gonçalves nos apresenta a literogeografia que ele diz ser mais que uma palavra. E por que ele insiste em dizer que é mais que uma palavra? Porque Ricardo é um geógrafo vestido em um casaco literário e sabe desconfiar das palavras, das suas precisões e imprecisões. Sabe, numa suspeita pessoa, que navegar é preciso, mas viver não é preciso e a ciência, que navega em busca da precisão, muitas vezes relega ao esquecimento, como dejetos, a imprecisão, a própria vida. Enredado pelos fios que os melhores mestres da literatura tramam sobre a paisagem, ele lê, como geógrafo e como educador, mais que o tecido duro, em preto e branco, normalmente oferecido pela fria técnica científica. Ele deambula como testemunha das gentes no exercício da existência e encontra nessas trocas diárias aquilo que é ignorado: o sujeito fatiando o tempo, aos poucos, com sua singularidade histórica, com seu desejo, como o tio relojoeiro, à revelia dos ponteiros dos relógios, alimentando, em uma outra dimensão temporal, a vida no espaço, terreno por excelência do geógrafo, solo da matéria humana.

ALAN OLIVEIRA MACHADO
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

